

APÊNDICE C - SEQUÊNCIA DIDÁTICA EM FORMATO E-BOOK



SEQUÊNCIA DIDÁTICA

CÍRCULOS DE LEITURA PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL

Uma proposta para desenvolvimento de círculos de leitura
nas escolas profissionais do Sertão Central cearense.

RAIMUNDA ALCIONE SANTIAGO DE LIMA
JEFFERSON QUEIROZ LIMA (ORIENTAÇÃO)



INSTITUTO FEDERAL
Ceará
Campus Fortaleza



PROFEPT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA





SEQUÊNCIA DIDÁTICA

CÍRCULOS DE LEITURA PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL

Uma proposta para desenvolvimento de círculos de leitura
nas escolas profissionais do Sertão Central cearense.

RAIMUNDA ALCIONE SANTIAGO DE LIMA
JEFFERSON QUEIROZ LIMA (ORIENTAÇÃO)



INSTITUTO FEDERAL
Ceará
Campus Fortaleza



PROFEPT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Ceará - IFCE
Sistema de Bibliotecas - SIBI
Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

-
- L732c Lima, Raimunda Alcione Santiago de Lima.
 Círculo de Leitura para a Formação Integral : Uma Proposta para desenvolvimento de Círculo de leitura nas Escolas Profissionais do Sertão Central central Cearense / Raimunda Alcione Santiago de Lima Lima. - 2023.
 90 f. : il. color.
- Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Rede Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, Campus Fortaleza, 2023.
 Orientação: Prof. Dr. Jefferson Queiroz Lima.
- I. Título.
 CDD 378.013
-



Apresentação

Esta sequência didática é um produto educacional, resultante da pesquisa intitulada “Os Círculos de leitura nas Escolas Profissionais do Sertão Central cearense: possibilidades e desafios para a formação integral”, desenvolvida por Raimunda Alcione Santiago de Lima, sob orientação do professor Jefferson Queiroz Lima, para o programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT/IFCE).

Seu objetivo é apresentar uma proposta de ensino em uma sequência didática de quatro módulos para o Ensino Médio Integrado. A sequência didática foi desenvolvida a partir da pesquisa que buscou conhecer os limites e possibilidades dos Círculos de Leitura em duas escolas profissionais do sertão central cearense e dos estudos de Rildo Cosson sobre os círculos de leitura e letramento literário, nomeada de “Círculos de Leitura para a formação integral”.

A proposta apresenta textos literários, que colabora para a formação integral, organizada a partir de quatro temas contemporâneos transversais dos que compõem a BNCC: Ciência e Tecnologia; Diversidade Cultural; Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais Brasileiras e Trabalho. (BRASIL, 2017). A ferramenta será utilizada nas aulas de Língua Portuguesa, Redação e Círculos de Leitura como auxílio no desenvolvimento da formação leitora dos educandos das escolas profissionalizantes do Sertão Central cearense.

Os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) da BNCC devem compreender, a partir da contextualização do que é ensinado, o interesse dos estudantes e serem relevantes para o desenvolvimento do homem. O documento orienta que os estudantes não devem findar o ensino formal, tendo visto apenas conteúdos abstratos e descontextualizados, mas que tenham acesso a temas que são relevantes para a sociedade e com teor contemporâneo.

O planejamento desta proposta de ensino foi guiado pela ideia de formação integral, embasada na teoria histórico crítica do educador Dermeval Saviani, que é apoiada no pensamento marxista, que faz um apanhado sobre os caminhos percorridos pela educação brasileira, resultante





do cenário atual. A pedagogia histórico-crítica considera, que a função e natureza das escolas como instituições que qualificam o trabalho não-material: ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, entre outros, é condição para sistematizar e socializar os conhecimentos acumulados pela humanidade, fundamental para o desenvolvimento do homem. As novas gerações têm contato com esse saber sistematizado através do fazer da escola, que deve realizar atividades pedagógicas com intuito de repassar o conhecimento necessário aos homens e mulheres para que estes tenham condições de lutarem por uma vida justa e solidária.

A organização desta sequência didática levará em conta as fichas de funções, referenciadas à Daniels, 2002: 107 - 32, descritas por Rildo Cosson no livro *os Círculos de Leitura e Letramento Literário* e os estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly, que diz que uma sequência didática é uma prática planejada com começo, meio e fim e que possui objetivos educacionais; referenciadas nestes autores, esta sequência didática, também terá um conjunto de atividades de leitura organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero literário.

A estrutura de base desta sequência contém uma seção de abertura para cada temática, com a apresentação das etapas de planejamento e da situação de estudo na qual é descrita de maneira detalhada a sequência de leitura que os educandos deverão realizar. As funções de leitura, recomendadas por esta pesquisa, serão descritas passo a passo, para que seja uma etapa indispensável na aplicação deste produto educacional, após isto serão apresentados três textos literários para cada módulo, que devem conversar com as temáticas transversais da BNCC escolhidas para desenvolvimento deste trabalho.

Raimunda Alcione Santiago de Lima



Guia de aplicação



A seguir iremos detalhar, passo a passo, como você docente, interessado em utilizar o ato de ler dos círculos de leitura para a inserção e/ou aprimoramento da prática leitora em sala de aula, possa despertar em seus alunos a “construção literária dos sentidos”, expressão esta usada pelo professor Rildo Cosson em suas obras sobre a temática, e que se refere ao letramento literário.

Em *Letramento literário: teoria e prática* (2014), Cosson destaca quatro etapas para o tratamento da leitura no ambiente escolar, em formato de sequência básica, permitindo e colaborando para o progresso deste leitor sujeito em desenvolvimento, que é focado na figura do aluno. Nele estão destacadas: 1) motivação; 2) introdução, 3) leitura - intrinsecamente ligada às funções propostas durante o círculo de leitura - e 3) interpretação.

I ETAPA SONDAGEM

Nesta etapa, conhecer o público discente antes de seu contato e/ou inserção nos círculos de leitura, é de extrema importância. Cada turma e, conseqüentemente, cada aluno, possui especificidades e características que podem ser úteis para o planejamento da atividade na turma.

Como determinada turma se comporta com atividades que envolvem o ato de ler? Os alunos são participativos em leituras conjuntas? Em momentos de leitura em voz alta, são os mesmos discentes que se voluntariam ou há alternância entre os colegas? A turma possui leitores afincos ou escritores?

Conseguir essas informações implica em esboçar quais possibilidades e desafios podem ser encontrados no trabalho para com os círculos de leitura. Estes dados podem ser facilmente obtidos em momentos promovidos em formatos de rodas de conversa.

II ETAPA PLANEJAMENTO

Geralmente, nos círculos de leitura, há um roteiro de quais leituras serão realizadas, apenas por um aspecto organizacional, durante determinado período de tempo e ano em que se encontra determinada turma.





Obras com certo nível de linguagem e entendimento mais complexos, são deixadas para períodos posteriores, enquanto obras com linguagens simples, são alocadas no início do processo. Esta ordem, não é fixa, e tão pouco obrigatória. Comumente nos programas de círculos de leitura institucionalizados, há uma sequência a ser “seguida”. Entretanto, se for do desejo da turma, do professor e, principalmente, da disponibilidade da obra desejada, e como falado anteriormente, do perfil da turma, esta sequência pode ser definida com base nos interesses do grupo.

Fazer um levantamento das obras disponíveis na escola, quais as leituras programadas ou indicadas, é um dos passos a serem seguidos. Um outro possível é conversar com os alunos quais leituras possuem interesse e quais leituras, você professor leitor, acha que agregariam no repertório cultural e crítico de sua turma.

III ETAPA **DIVISÃO E EXECUÇÃO**

Como falado anteriormente, Cosson (2014) destaca quatro procedimentos para o trabalho da leitura em sala de aula. São eles: 1) motivação - fase que busca propiciar ao alunado questionamentos que os façam sentirem curiosidade pela leitura que será realizada; 2) introdução - apresentação do autor da obra, a obra em si e o contexto de sua produção, sem ocorrer, propriamente, o ato de ler; 3) leitura - ato da leitura em si, na qual será lida a obra escolhida e, atrelando as funções do círculo leitura (conector, questionador, iluminador de passagens, ilustrador, dicionarista, sintetizador, pesquisador, cenógrafo e perfilador); e 4) interpretação - destinado ao entendimento do discente sobre a obra e a discussão do sentido do texto, com certo caráter interdisciplinar (COSSON, 2014).

A priori da leitura da obra, é interessante que a divisão das funções sejam estabelecidas, para que os discentes possam dirigir sua atenção às atribuições de suas funções no círculo, focando em qual aspecto no sentido do texto deve estar a procura.

A divisão pode ser livre e, a depender da obra escolhida, a cada encontro pode haver o revezamento entre os discentes, oportunizando às diferentes formas de apresentação de suas funções. É interessante, que o professor leve impressas as descrições de cada função para seus alunos.





Nos aspectos dos quatro procedimentos descritos no início desta etapa, como será feita a motivação, introdução, leitura e interpretação da obra? Será realizada perguntas sobre a temática da obra? Haverá uma exposição de imagens atreladas à temática que instiguem os alunos a pensarem qual a relação entre o tema? O autor será introduzido em um cordel? A leitura, com seus intervalos para discussão, contará com dinâmica de apresentação para cada discente com sua função no círculo? E a interpretação? A obra apenas será apenas lida e discutida? Ou haverá momentos artísticos para a ligação desta obra a outras, em diferentes linguagens artísticas (teatro, canção, declamação, etc)?

IV ETAPA PÓS-LEITURA E AVALIAÇÃO

Esta etapa é referente ao resultado de todas as interações e etapas anteriores em formato de alguma produção artística, seja poemas, contos, crônicas, peças de teatro, sarais, etc. É nela, principalmente, que o docente pode compreender quais elementos do texto chamaram a atenção da turma, e quais desses elementos influenciaram em diferentes produções artísticas interdisciplinares.

O momento desponta no aluno, mais que nas demais etapas, o senso de protagonismo e, principalmente, criatividade, pois as possibilidades de interpretação são diversas, assim como as formas de retratar a sua visão/imagem da obra.





Sumário

Módulo 1 - Ciência e Tecnologia

Texto 1: Trecho do Romance: A Caverna - José Saramago	8
Texto 2: Música: A Matança de Jatobá - Intérprete Xangai	15
Texto 3: Poema: Mapa de Anatomia: O Olho - Cecília Meireles	20

Módulo 2 - Diversidade Cultural

Texto 1: Poema “Meu rosário”, de Conceição Evaristo	27
Texto 2: Poema “O estatuto do homem”, de Thiago Mello	32
Texto 3: Conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti	38

Módulo 3 - Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras

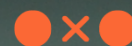
Texto 1: Poema “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo	47
Texto 2: Poema “Eu-Mulher”, de Conceição Evaristo	51
Texto 3: Cordel “Não me chame de mulata”, de Jarid Arraes	54

Módulo 4 - Trabalho

Texto 1: Conto “O túnel”, de Máximo Gorki	63
Texto 2: Música “Construção”, de Chico Buarque	69
Texto 3: Poema “O operário em construção”, de Vinicius de Moraes	73

Referências Bibliográficas	85
---	----

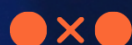




010 0101001
010 1111101
101 0101010
0100100101001
1110101111101
0100100101001

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

MÓDULO 1



**MÓDULO 1****Ciência e Tecnologia****PLANO DE AULA****Objetivos**

- Discutir as representações das concepções sobre Ciência e Tecnologia e suas implicações na vida do homem, a partir dos textos literários em estudo;
- Ler e analisar, juntamente com a turma, um trecho de um Romance, uma música e uma poesia;
- Valorizar a experiência da produção literária para a formação humana;
- Relacionar o conteúdo dos textos literários com o tema Ciência e Tecnologia.

Conteúdos

- Ciência e Tecnologia.
- Romance: A Caverna de José Saramago;
- Música: A Matança de Jatobá - Intérprete: Xangai;
- Poema: Mapa de Anatomia: O Olho de Cecília Meireles.

Metodologia

- Círculo de Leitura
- Fichas de funções, referenciadas à Daniels, 2002: 107 - 32, descritas por Rildo Cosson no livro os Círculos de Leitura e Letramento Literário
 - a) Conector - Liga a obra ou o trecho lido com a vida, com o momento;
 - b) Questionador - Prepara perguntas sobre a obra para os colegas, normalmente de cunho analítico, tal como [sic] por que os personagens agem desse jeito? Qual o sentido deste ou daquele acontecimento?
 - c) Iluminador de passagens - Escolhe uma passagem para explicitar ao grupo, seja porque é bonita, porque é difícil de ser entendida ou porque é essencial para a compreensão do texto;
 - d) Ilustrador - traz imagens para ilustrar o texto;
 - e) Dicionarista - Escolhe palavras consideradas difíceis ou relevantes para a leitura do texto;
 - f) Sintetizador - Sumariza o texto;
 - g) Pesquisador - busca informações contextuais que são relevantes para o texto;
 - h) Cenógrafo - Descreve principais cenas;
 - i) Perfilador - Traça um perfil das personagens mais interessantes.

(DANIELS, 2002 apud COSSON, 2014, p. 142-143).



MÓDULO 1 - CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Recursos didáticos

- Apresentação de slides;
- Caixa de som;
- Textos literários fotocopiados.

Avaliação

- Autoavaliação da leitura, considerando os aspectos ligados à formação integral do homem e à relevância do tema Ciência e Tecnologia.

Na primeira parte da aula, divida a turma em dois grupos, em seguida distribua a função de cada leitor, conforme as fichas de funções, referenciadas à Daniels, 2002: 107 - 32, descritas por Rildo Cosson no livro os Círculos de Leitura e Letramento Literário e distribua cópias dos textos literários em estudo. Os educandos devem estar sentados em círculos, peça a cada participante para ler um trecho da obra em voz alta, durante a leitura peça aos leitores para fazerem pausas para reflexão, momentos em que é importante estabelecer uma relação entre as ideias contidas nos textos literários a temática em estudo e a realidade dos participantes – suas inquietações, depoimentos, compartilhamento e expectativas.

Em seguida faça um questionamento sobre o tema Ciência e tecnologia, destacando a notoriedade do tema para a vida das pessoas, enfatizando sobre a importância da participação dos educandos nas discussões desta temática. Diga aos estudantes que, a compreensão do tema Ciência e tecnologia melhora as experiências cotidianas, favorecendo a integração entre as percepções pessoais dos estudantes com o ambiente científico, social e tecnológico. Em seguida, peça aos estudantes para falarem de forma espontânea sobre o tema. Após esta reflexão inicie a leitura dos textos deste módulo, orientando aos estudantes a perceberem o tema nas leituras realizadas.



conector

questionador

iluminador

ilustrador

dicionarista

sintetizador

pesquisador

cenógrafo

perfilador

TEXTO 1: Trecho do Romance: A Caverna, de José Saramago.

“Que estranha cena descreves e que estranhos prisioneiros. São iguais a nós.” - Platão, República, Livro VII.

O homem que conduz a camioneta chama-se Cipriano Algor, é oleiro de





profissão e tem sessenta e quatro anos, posto que à vista pareça menos idoso. O homem que está sentado ao lado dele é o genro, chama-se Marçal Gacho, e ainda não chegou aos trinta. De todo o modo, com a cara que tem, ninguém lhe daria tantos. Como já se terá reparado, tanto um como outro levam colados ao nome próprio uns apelidos insólitos cuja origem, significado e motivo desconhecem. O mais provável será sentirem-se desgostosos se alguma vez vierem a saber que aquele algor significa frio intenso do corpo, prenunciador de febre, e que o gacho é nada mais nada menos que a parte do pescoço do boi em que assenta a canga. O mais novo veste uniforme, mas não está armado. O mais velho traja um casaco civil e umas calças mais ou menos a condizer, leva a camisa sobriamente fechada no colarinho, sem gravata. As mãos que manejam o volante são grandes e fortes, de camponês, e, não obstante talvez por efeito do quotidiano contacto com as maciezas da argila a que o ofício obriga, prometem sensibilidade. Na mão direita de Marçal Gacho não há nada de particular, mas as costas da mão esquerda apresentam uma cicatriz com aspecto de queimadura, uma marca em diagonal que vai da base do polegar à base do dedo mínimo. A camioneta não merece esse nome, é apenas uma furgoneta de tamanho médio, de um modelo fora de moda, e vai carregada de louça. Quando os dois homens saíram de casa, vinte quilómetros atrás, o céu ainda mal começara a clarear, agora a manhã já pôs no mundo luz bastante para que se possa observar a cicatriz de Marçal Gacho e adivinhar a sensibilidade das mãos de Cipriano Algor. Vêm viajando a velocidade reduzida por causa da fragilidade da carga e também pela irregularidade do pavimento da estrada. A entrega de mercadorias não consideradas de primeira ou segunda necessidades, como é o caso das louças rústicas, faz-se, de acordo com os horários fixados, a meio da manhã, e se estes dois homens madrugaram tanto foi porque Marçal Gacho tem de marcar o ponto pelo menos meia hora antes de as portas do Centro serem abertas ao público. Nos dias em que não traz o genro, mas tem louças para transportar, Cipriano Algor não precisa de se levantar tão cedo. Contudo, de dez em dez dias, é sempre ele quem se encarrega de ir buscar Marçal Gacho ao trabalho para passar com a família as quarenta horas de folga a que tem direito, e quem, depois, com louça ou sem louça na caixa da furgoneta, pontualmente o reconduz às suas responsabilidades e obrigações de guarda interno. A filha de Cipriano Algor, que se chama Marta, de apelidos Isasca, por parte da mãe já falecida, e Algor, por parte do pai, só goza da presença do marido em casa e na cama seis noites e três dias em cada mês. na noite antes desta ficou grávida, mas ainda não o sabe.

A região é fosca, suja, não merece que a olhemos duas vezes. Alguém deu a estas enormes extensões de aparência nada campestre o nome técnico de Cintura Agrícola, e também, por analogia poética, o de Cintura Verde, mas a única paisagem que os olhos conseguem alcançar nos dois lados da estrada, cobrindo sem solução de continuidade perceptível muitos milhares de hectares, são grandes armações de tecto plano, retangulares,





feitas de plásticos de uma cor neutra que o tempo e as poeiras, aos poucos, foram desviando ao cinzento e ao pardo. Debaixo delas, fora dos olhares de quem passa, crescem plantas. Por caminhos secundários que vêm dar à estrada, saem, aqui e além, camiões e tractores com atrelados carregados de vegetais, mas o grosso do transporte já se efectuou durante a noite, estes de agora, ou têm autorização expressa e excepcional para fazer a entrega mais tarde, ou deixaram-se dormir. Marçal Gacho afastou discretamente a manga esquerda do casaco para olhar o relógio, está preocupado porque o trânsito se torna pouco a pouco mais denso e porque sabe que daqui para diante, quando entrarem na Cintura Industrial, as dificuldades aumentarão. O sogro deu pelo gesto, mas deixou-se ficar calado, este seu genro é um moço simpático, sem dúvida, mas é nervoso, da raça dos desassossegados de nascença, sempre inquieto com a passagem do tempo, mesmo se o tem de sobra, caso em que nunca parece saber o que lhe há-de pôr dentro, dentro do tempo, entenda-se, Como será quando chegar à minha idade, pensou. Deixaram a Cintura Agrícola para trás, a estrada, agora mais suja, atravessa a Cintura Industrial rompendo pelo meio de instalações fabris de todos os tamanhos, actividades e feitos, com depósitos esféricos e cilíndricos de combustível, estações eléctricas, redes de canalizações, condutas de ar, pontes suspensas, tubos de todas as grossuras, uns vermelhos, outros pretos, chaminés lançando para a atmosfera rolos de fumos tóxicos, gruas de longos braços, laboratórios químicos, refinarias de petróleo, cheiros fétidos, amargos ou adocicados, ruídos estridentes de brocas, zumbidos de serras mecânicas, pancadas brutais de martelos de pilão, de vez em quando uma zona de silêncio, ninguém sabe o que se estará produzindo ali. Foi então que Cipriano Algor disse, Não te preocupes, chegaremos a tempo, Não estou preocupado, respondeu o genro, disfarçando mal a inquietação, Bem sei, era uma maneira de falar, disse Cipriano Algor. Fez virar a furgoneta para uma rua paralela reservada à circulação local, Vamos atalhar caminho por aqui, disse, se a polícia nos perguntar por que saímos da estrada, recorda-te da combinação, temos um assunto a tratar numa destas fábricas antes de chegarmos à cidade. Marçal Gacho respirou fundo, quando o tráfego se complicava na estrada, o sogro, mais tarde ou mais cedo, acabava por tomar um desvio. O que o afligia era a possibilidade de que ele se distraísse e tomasse a decisão tarde demais. Felizmente, apesar dos temores e dos avisos, nunca tinham sido mandados parar pela polícia, alguma vez se haverá de convencer de que já não sou um rapaz, pensou Marçal, de que não tem de estar a lembrar-me todas as vezes destes assuntos a tratar nas fábricas. Não imaginavam, um e outro, que fosse precisamente o uniforme de guarda do Centro que Marçal Gacho envergava o motivo da continuada tolerância ou da benévola indiferença da polícia de trânsito, que não era simples resultado de acasos múltiplos ou de teimosa sorte, como provavelmente teria sido a sua resposta se lhes perguntassem a razão por que achavam eles que não tinham sido multados até aí. Conhecesse-a Marçal Gacho, que talvez fizesse valer perante o sogro o peso da autoridade



MÓDULO 1 - CIÊNCIA E TECNOLOGIA



que a farda lhe conferia, conhecesse-a Cipriano Algor, que talvez passasse a falar ao genro com menos irônica condescendência. É bem verdade que nem a juventude sabe o que pode, nem a velhice pode o que sabe.

Depois da Cintura Industrial principia a cidade, enfim, não a cidade propriamente dita, essa avista-se lá adiante, tocada como uma carícia pela primeira e rosada luz do sol, o que aqui se vê são aglomerações caóticas de barracas feitas de quantos materiais, na sua maioria precários, pudessem ajudar a defender das intempéries, sobretudo da chuva e do frio, os seus mal abrigados moradores. É, no dizer dos habitantes da cidade, um lugar assustador. De tempos a tempos, por estas paragens, e em nome do axioma clássico que prega que a necessidade também legisla, um camião carregado de alimentos é assaltado e esvaziado em menos tempo do que leva a contá-lo. O método operativo, exemplarmente eficaz, foi elaborado e desenvolvido depois de uma aturada reflexão colectiva sobre o resultado dos primeiros intentos, malogrados, como logo se tornou óbvio, por uma total ausência de estratégia, por uma tática, se assim se lhe poderia chamar, antiquada, e, finalmente, por uma deficiente e errática coordenação de esforços, na prática entregues a si mesmos. Sendo quase continuo durante a noite o fluxo de tráfego, bloquear a estrada para reter um camião, como tinha sido primeira ideia, significou caírem os assaltantes na sua própria armadilha, uma vez que atrás desse camião logo outros camiões vinham, portanto reforços e socorro imediato para o condutor em apuros.

Trecho de um Romance, Novembro de 2000. Editorial Caminho o Campo da Palavra .

SARAMAGO, José. A caverna. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.



Sugestões para mediação da leitura

1. O título, “A caverna” do texto lido remete ao cotidiano contemporâneo?
2. Há uma relação do título a “A Caverna” com o sistema capitalista?
3. Um romance com o título “A Caverna” pode trazer reflexões sobre Ciência e Tecnologia?

Em seguida inicie a exposição dialógica dos estudantes que têm a função de conector, questionador, iluminador, ilustrador, dicionarista, sintetizador, pesquisador, cenógrafo e o perfilador. Após a fala dos estudantes, inicie um momento de reflexão com todos os participantes do círculo de leitura para aprofundamento do texto em estudo.



MÓDULO 1 - CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Algumas reflexões

Releia a epígrafe em destaque e realize análise a partir dos questionamentos abaixo:

"Que estranha cena descreves e que estranhos prisioneiros. São iguais a nós."

- Platão, República, Livro VII.

1. A epígrafe deste texto serve para discutir a relação do homem com a natureza e os impactos das ciências e tecnologias na vida contemporânea?
2. O que a epígrafe traz como reflexão da condição humana?

Estimule os alunos e as alunas a tomarem os dados de realidade apontados na epígrafe como sinais ou exemplos de problemas sociais que poderiam ser encarados e solucionados por eles.

Considerando a leitura completa de todo o trecho do romance "A Caverna":

Cipriano Algor e Marçal Gacho, que aparecem no início deste trecho, tem suas vidas modificadas e marcadas pelo avanço da tecnologia nos moldes capitalista, o primeiro é uma das figuras centrais do romance, um oleiro viúvo de 64 anos, que trabalha fabricando louças de barro, o segundo é um trabalhador da área de segurança. No trecho abaixo é descrito as características das mãos dos dois trabalhadores:

"As mãos que manejam o volante são grandes e fortes, de camponês, e, não obstante talvez por efeito do quotidiano contacto com as maciezas da argila a que o ofício obriga, prometem sensibilidade. Na mão direita de Marçal Gacho não há nada de particular, mas as costas da mão esquerda apresentam uma cicatriz com aspecto de queimadura, uma marca em diagonal que vai da base do polegar à base do dedo mínimo."

1. As mãos destes dois trabalhadores trazem marcas do modo de produção, que eles representam. Como podemos evidenciá-las?
2. As mãos grandes, fortes e sensíveis de Cipriano Algor é advinda das obrigações do seu ofício. Essas mãos representam, de certa forma, o processo de humanização do personagem?
3. Como podemos analisar a cicatriz na mão esquerda de Marçal Gacho?

No caminho da aldeia para o centro há um trecho ocupado por populações vulneráveis, efeito dos processos de exclusão social, o local é chamado de cinturas verde e industrial, povoado por trabalhadores da agroindústria e da zona industrial,



MÓDULO 1 - CIÊNCIA E TECNOLOGIA



no local, também se dá a construção do centro, que funciona de forma monopolizada, rendendo todo o meio externo a seu serviço. É importante destacar as relações de exploração entre o centro e o espaço que o rodeia, que é um fator forte no processo de invisibilidade do homem.

A região é fosca, suja, não merece que a olhemos duas vezes. Alguém deu a estas enormes extensões de aparência nada campestre o nome técnico de Cintura Agrícola, e também, por analogia poética, o de Cintura Verde, mas a única paisagem que os olhos conseguem alcançar nos dois lados da estrada, cobrindo sem solução de continuidade perceptível muitos milhares de hectares, são grandes armações de tecto plano, retangulares, feitas de plásticos de uma cor neutra que o tempo e as poeiras, aos poucos, foram desviando ao cinzento e ao pardo.

1. As diferentes relações entre o centro e a região que o rodeia cria elementos que evidenciam o moderno e obsoleto, tecnológico e artesanal, civilizado e selvagem?
2. Cipriano Algor sofre o apagamento da sua forma de produzir, esse processo implica no seu processo de ser?
3. Acerca da cintura agrícola, qual seria o papel das Ciências e tecnologias?

No trecho abaixo, além de apontar que os dois personagens pertencem a gerações diferentes, traz, também, uma reflexão sobre o modo de produção destes, que implicam no imaginário desses sujeitos. Assim, a autoridade da farda que Marçal usava não era compreendida por Cipriano, que sempre falava com o genro de forma condescendência.

Não imaginavam, um e outro, que fosse precisamente o uniforme de guarda do Centro que Marçal Gacho envergava o motivo da continuada tolerância ou da benévola indiferença da polícia de trânsito, que não era simples resultado de acasos múltiplos ou de teimosa sorte, como provavelmente teria sido a sua resposta se lhes perguntassem a razão por que achavam eles que não tinham sido multados até aí. Conhecêsse-a Marçal Gacho, que talvez fizesse valer perante o sogro o peso da autoridade que a farda lhe conferia, conhecêsse-a Cipriano Algor, que talvez passasse a falar ao genro com menos irônica condescendência. É bem verdade que nem a juventude sabe o que pode, nem a velhice pode o que sabe.

1. Cipriano e Marçal exercem ofício distintos, qual dessas profissões melhor contribui para a formação do ser?
2. Porque Cipriano não consegue perceber e valorizar o poder da autoridade de Marçal?
3. Comente sobre o desconhecimento do poder da juventude descrita pelo o autor no final do trecho.



MÓDULO 1 - CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Por fim, vamos destacar a última parte do trecho em estudo, que traz uma compreensão das moradias caóticas que se formaram adiante da cintura industrial, e que possui um cenário assustador, um retrato que precisa ser refletido neste Círculo de Leitura como forma de compreender questões cotidianas como as de moradias, que são relevantes para a nossa existência.

Depois da Cintura Industrial principia a cidade, enfim, não a cidade propriamente dita, essa avista-se lá adiante, tocada como uma carícia pela primeira e rosada luz do sol, o que aqui se vê são aglomerações caóticas de barracas feitas de quantos materiais, na sua maioria precários, pudessem ajudar a defender das intempéries, sobretudo da chuva e do frio, os seus mal abrigados moradores. É, no dizer dos habitantes da cidade, um lugar assustador.

1. As ciências e tecnologias têm poder para amenizar as aglomerações, como as descritas acima?
2. A expressão "lugar assustador" seria um exagero do narrador do texto ou condiz com as realidades de espaços que passaram por esse processo de industrialização mostrada no romance?
3. Para finalizar, faça uma consideração final, que é quando, cada participante do círculo deverá fazer uma fala curta sobre a leitura de todo o trecho do romance em estudo, destacando elementos contidos no texto, que de uma certa forma, tem uma associação com as realidades dos estudantes.

Agora, você irá ler uma música com o título "MATANÇA", do compositor Jatobá e interpretada por Xangai, depois escute a canção para iniciar a discussão no Círculo de Leitura.

Através desta canção é possível tratar o tema Ciências e Tecnologia, no sentido de oportunizar a problematização e contribuir para o conhecimento das questões socioambientais presentes na contemporaneidade. Os problemas ambientais, como o desmatamento, precisam ser trabalhados de forma crítica e reflexiva pelos jovens, estudantes do Ensino Médio das escolas Profissionalizantes, no intuito de mobilizar valores e atitudes que ajudem os jovens a serem protagonistas na construção da sustentabilidade do meio ambiente.

Ainda, em 1995, Paulo Freire questionava o porquê de não discutirmos com os educandos suas realidades concretas no currículo escolar, a realidade existencial dos educandos devem ser tratadas nas escolas, o texto literário é por excelência um instrumento que cria espaços para este debate tão necessário para a formação dos educandos, exercitando assim, a emoção, a subjetividade, elementos fortes na garantia da formação integral.





Uma música como essa do compositor Jatobá, interpretada por Xangai, deve chegar aos ouvidos dos educandos, já que a canção não é tocada na mídia, somente, através da pesquisa, que é possível que os educandos vivenciem experiência como esta. A composição canta a falta de proteção das árvores seculares e acorda a sociedade para as questões ambientais, como o desmatamento e destruição das florestas, que são importantíssimas para a vida.

TEXTO 2 - Música “Matança”, com interpretação de Xangai.

É o mesmo brado que a gente tem que dar, dizendo assim

Cipó caboclo tá subindo na virola
Chegou a hora do pinheiro balançar
Sentir o cheiro do mato, da imburana
Descansar, morrer de sono na sombra da barriguda
De nada vale tanto esforço do meu canto
Pra nosso espanto tanta mata haja vão matar
Tal Mata Atlântica e a próxima Amazônica
Arvoredos seculares, impossível replantar

Que triste sina teve o cedro, nosso primo
Desde menino que eu nem gosto de falar
Depois de tanto sofrimento, seu destino
Virou tamborete, mesa, cadeira, balcão de bar

Quem por acaso ouviu falar da sucupira
Parece até mentira que o jacarandá
Antes de virar poltrona, porta, armário
Mora no dicionário, vida eterna, milenar

Quem hoje é vivo corre perigo
E os inimigos do verde dá sombra ao ar
Que se respira e a clorofila
Das matas virgens destruídas vão lembrar

Que quando chegar a hora
É certo que não demora
Não chame Nossa Senhora
Só quem pode nos salvar é

Caviúna, cerejeira, baraúna
Imbuia, pau-d'arco, solva
Juazeiro e jatobá





Gonçalo-alves, paraíba, itaúba
Louro, ipê, paracaúba
Peroba, massaranduba

Carvalho, mogno, canela, imbuzeiro
Catuaba, janaúba, aroeira, araribá
Pau-ferro, angico, amargoso, gameleira
Andiroba, copaíba, pau-brasil, jequitibá

Cipó caboclo tá subindo na virola
Chegou a hora do pinheiro balançar
Sentir o cheiro do mato, da imburana
Descansar, morrer de sono na sombra da barriguda

De nada vale tanto esforço do meu canto
Pra nosso espanto tanta mata haja vão matar
Tal Mata Atlântica e a próxima Amazônica
Arvoredos seculares, impossível replantar

Que triste sina teve o cedro, nosso primo
Desde menino que eu nem gosto de falar
Depois de tanto sofrimento, seu destino
Virou tamborete, mesa, cadeira, balcão de bar

Quem por acaso ouviu falar da sucupira
Parece até mentira que o jacarandá
Antes de virar poltrona, porta, armário
Mora no dicionário, vida eterna, milenar

Quem hoje é vivo corre perigo
E os inimigos do verde dá sombra ao ar
Que se respira e a clorofila
Das matas virgens destruídas vão lembrar

Que quando chegar a hora
É certo que não demora
Não chame Nossa Senhora
Só quem pode nos salvar é

Caviúna, cerejeira, baraúna
Imbuia, pau-d'arco, solva
Juazeiro e jatobá



MÓDULO 1 - CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Gonçalo-alves, paraíba, itaúba
Louro, ipê, paracaúba
Peroba, massaranduba

Carvalho, mogno, canela, imbuzeiro
Catuaba, janaúba, aroeira, araribá
Pau-ferro, angico, amargoso, gameleira
Andiroba, copaíba, pau-brasil, jequitibá

Quem hoje é vivo corre perigo

Compositor: Jatobá | Intérprete: Xangai.



Sugestões para mediação da leitura

1. O título, “Matança” do texto lido, música lançada em 1992, condiz com a realidade?
2. Há uma relação do título a “Matança” com o agir humano no planeta terra?
3. Uma música com o título “Matança” é um exagero do compositor ou acorda a sociedade em geral para as questões do desmatamento e falta de proteção da floresta Amazonia?
4. Você já conhecia esta música? Conte sua experiência.

Em seguida, inicie a exposição dialógica dos estudantes que têm a função de conector, questionador, iluminador, ilustrador, dicionarista, sintetizador, pesquisador, cenógrafo e o perfilador. Após a fala dos estudantes, inicie um momento de reflexão com todos os participantes do círculo de leitura para aprofundamento do texto em estudo.



Algumas reflexões

Na primeira estrofe da música, o eu lírico descreve lembranças de um ambiente que foi destruído, de alguma forma, pela ação humana, os três últimos versos anuncia ações que contribuem para a identidade de moradores residentes nos arredores da floresta:





Cipó caboclo tá subindo na virola
 chegou a hora do pinheiro balançar
 sentir o cheiro do mato da imburana
 descansar morrer de sono na sombra da barriguda.

1. No verso, “chegou a hora do Pinheiro balançar” anuncia que a composição da canção fará uma denúncia sobre a falta de proteção das florestas?
2. Os versos desta estrofe falam de um possível parentesco do eu lírico com a natureza?
3. Esta estrofe descreve uma relação saudável do eu lírico com a natureza, as Ciência e tecnologias podem contribuir para manter esta relação?
4. A estrofe em análise revela elementos que contribuem para a formação integral do homem?

Na segunda estrofe o eu lírico anuncia um desânimo, quanto à “matança” da mata Atlântica e floresta Amazônica, advindo do desmatamento, que ao longo dos anos agrava a crise ambiental e contribui para o extermínio da biodiversidade. No verso “arvoredos seculares impossível replantar”:

1. Quais os fatores que contribuíram para a extinção de árvores seculares no verso em destaque?
2. Há alguma relação da extinção das árvores seculares com o modo de produção capitalista?
3. Quais princípios éticos e morais eram necessários para proteger as árvores seculares?
4. Quais as contribuições das Ciências e Tecnologias para a proteção das florestas?

A terceira e quarta estrofe traz uma discussão sobre as espécies de árvores, já extintas, e como se dá o processo do uso da madeira na construção de móveis e material para a construção civil. Releia as duas estrofes:

Que triste sina teve cedro nosso primo
 desde de menino que eu nem gosto de falar
 depois de tanto sofrimento seu destino
 virou tamborete mesa cadeira balcão de bar.

Quem por acaso ouviu falar da sucupira
 parece como criar blog até mentira que o jacarandá
 antes de virar poltrona porta armário
 mora no dicionário vida eterna milenar.

1. Vocês conhecem alguma dessas árvores citadas nas duas estrofes?
2. A estrofe que trata do cedro, sinaliza o aspecto econômico da depredação, comente sobre este fato.
3. As Ciências e Tecnologia exercem algum tipo de função na proteção das árvores, de forma a evitar a extinção?





Na quinta estrofe, uma alerta é feita na música “ Quem hoje é vivo corre perigo” o eu lírico anuncia que há uma crise ambiental causada pelo capitalismo, que coloca a sobrevivência humana em risco. A estrofe, também faz uma reflexão sobre a relação do homem com a natureza, principalmente em relação ao uso da mesma para obter lucro. É importante discutir que essa apropriação do meio ambiente pelo capital é insustentável. Leia a estrofe novamente e responda:

“Quem hoje é vivo corre perigo
e os inimigos do verde, da sombra, do ar
que se respira e a clorofila
das matas virgens destruídas vão lembrar.”

O problema da sociedade atual é que as questões sócio-ambientais revelam um modo de produzir cada vez mais insustentável, que visa ao lucro sem medir consequências e é baseado na produção industrial ininterrupta e no consumo de massa.

1. *Quem são os inimigos do verde?*
2. *Quem salvará a floresta?*
3. *A denúncia sobre a obtenção de lucro sem medir as consequências, no período de composição da canção, ainda persiste na atualidade?*
4. *Qual o papel de um estudante do ensino médio diante da crise ambiental?*

A canção clama por responsabilidade dos moradores do planeta terra, uma vez, que a ciência ainda não encontrou outro planeta com condições de vida para o homem, portanto cuidar da natureza é cuidar da vida. Para finalizar este círculo, a poesia desta canção lista uma diversidade de espécies de árvores, algumas já extintas, como seres que podem nos salvar. O eu lírico é enfático ao fazer uma alerta diante da crise ambiental, acorda homens e mulheres para pensar mais sobre suas ações, atitudes e posturas diante da sobrevivência da vida.

Que quando chegar a hora
é certo que não demora
não chame Nossa Senhora
só quem pode nos salvar é:

Caviúna, Cerejeira, Baraúna
Imbuia, Pau-d'Arco, Solva
Juazeiro e Jatobá
Gonçalo-Alves, Paraíba, Itaúba,
Louro, Ipê, Paracaúba
Peroba, Massaranduba
Carvalho, Mogno, Canela, Imbuzeiro
Catuaba, Janaúba, Aroeira, Araribá,
Pau-fero, Angico amargoso, Gameleira
Andiroba, Copaíba, Pau-brasil, Jequitibá.



MÓDULO 1 - CIÊNCIA E TECNOLOGIA



1. Você conhece alguma destas árvores?
2. É importante realizar um trabalho de pesquisa sobre estas árvores?
3. Qual a relação das Ciência e tecnologias com a proteção ambiental?

Para finalizar este módulo será analisada a poesia, Mapa da Anatomia: O Olho, publicado em 1974, no livro “O Estudante Empírico” da escritora brasileira Cecília Meireles. A poesia trata do tema Ciência e Tecnologia no sentido de aproximar Ciência e Arte. O poema contribui para formação integral dos sujeitos, possibilitando aos estudantes, participantes dos Círculos de Leitura, uma visão de mundo global, tendo a Ciência e a Arte como elementos fundamentais para a formação do homem. Essa questão foi apontada por Sáber e Santos (2011), quando discutiram, que as obras de Cecília Meireles anteciparam o ambiente pós-moderno em que nos encontramos hoje, e, ainda nos ajuda a compreender o mundo e nossa própria existência.

Texto 3: Poema “Mapa de Anatomia: o olho”, de Cecília Meireles

O Olho é uma espécie de globo,
é um pequeno planeta
com pinturas do lado de fora.
Muitas pinturas:
azuis, verdes, amarelas.

É um globo brilhante:
parece cristal,
é como um aquário com plantas
finamente desenhadas: algas, sargaços,
miniaturas marinhas, areias, rochas, naufrágios e peixes de ouro.
Mas por dentro há outras pinturas,
que não se vêem:
umas são imagem do mundo,
outras são inventadas.

O Olho é um teatro por dentro.
E às vezes, sejam atores, sejam cenas,
e às vezes, sejam imagens, sejam ausências,
formam, no Olho, lágrimas.



MÓDULO 1 - CIÊNCIA E TECNOLOGIA



A poesia expõe de forma poética a anatomia do olho, buscando entender e reconhecer cientificamente seu funcionamento, bem como, tratou o olho como uma fonte de inspiração para o fazer artístico, trazendo elementos alegóricos que fazem refletir sobre a vida. (RAMANZINI, 2014) e (Coelho (2001, p. 14) trataram sobre as obras de Cecília Meireles, apontando que as mesmas expressam fusão de experiências formais, diversificadas e diferentes temáticas das poesias do século XX e “principalmente o difícil avançar em meio à fragmentação dos valores e paradigmas, imposta pelo Modernismo”.



Sugestões para mediação da leitura

1. O olho é um elemento comum à Ciência e à Arte?
2. A analogia que Cecília Meireles fez do olho com o globo/planeta no primeiro e segundo verso possui algum tipo de relação com a realidade? Comente.
3. Quais discussões científicas estão presentes no poema?



Algumas reflexões

Releia as estrofes destacadas e realize as perguntas posteriormente.

Que quando chegar a hora
é certo que não demora
não chame Nossa Senhora
só quem pode nos salvar é:

Caviúna, Cerejeira, Baraúna
É um globo brilhante:
parece cristal,
é como um aquário com plantas
finamente desenhadas: algas, sargaços,
miniaturas marinhas, areias, rochas, naufrágios e peixes de ouro.
Mas por dentro há outras pinturas,
que não se vêem:
umas são imagem do mundo,
outras são inventadas.

1. Na segunda estrofe do poema é apontado pinturas que são vistas e outras que não, o visível e o invisível, oculto. O que a autora quis dizer neste verso?
2. A autora trabalha em seu poema a ausência? Por quê?
3. O que podemos entender das palavras atores, cenas, imagens e ausências nos últimos versos do poema?



**Considerando a leitura completa do poema “Mapa de anatomia: o olho”.**

Em “Mapa de anatomia: o olho”, Cecília Meireles mescla o científico, artístico e poético em sua obra para explicar este órgão da visão, tecendo reflexões sobre a vida, principalmente no caráter da ausência por meio da materialidade e imaterialidade das imagens.

Na primeira estrofe é contextualizado o que é o olho, uma “espécie de globo”, comparado a um planeta pequeno, com pinturas que podem ser vistas do lado de fora. Essas pinturas têm diversas cores, e com isso podemos interpretar a especificidade de cada olho, logo de cada indivíduo, como também a sua complexidade.

O Olho é uma espécie de globo,
é um pequeno planeta
com pinturas do lado de fora.
Muitas pinturas:
azuis, verdes, amarelas.

A segunda estrofe inicia apresentando um aspecto do globo ocular e seu revestimento que o protege, igualando-o a um cristal. Além disso, há novamente uma comparação, desta vez entre a íris do olho com um aquário de plantas, e que por dentro dela há várias pinturas: pinturas que se veem e outras que não. Nesta parte, uma das possibilidades de interpretação, assim como no próprio poema é expresso, são as imagens do mundo, vistas e externas, e as imagens inventadas, imaginadas internamente.

É um globo brilhante:
parece cristal,
é como um aquário com plantas
finamente desenhadas: algas, sargaços,
miniaturas marinhas, areias, rochas, naufrágios e peixes de ouro.
Mas por dentro há outras pinturas,
que não se vêem:
umas são imagem do mundo,
outras são inventadas.

Finalizando o poema, a terceira estrofe percorre a anatomia do olho com foco no sentimental e na construção de imagens, materiais e imateriais. Diversos atores e fatores nos são apresentados como, atores atrelados a pessoas, cenas a lembranças, imagens a recordações e ausências a saudades, resultando “no Olho, lágrimas”.

O Olho é um teatro por dentro.
E às vezes, sejam atores, sejam cenas,
e às vezes, sejam imagens, sejam ausências,
formam, no Olho, lágrimas.



**Considerando a leitura completa do poema “Mapa de anatomia: o olho”.**

Em “Mapa de anatomia: o olho”, Cecília Meireles mescla o científico, artístico e poético em sua obra para explicar este órgão da visão, tecendo reflexões sobre a vida, principalmente no caráter da ausência por meio da materialidade e imaterialidade das imagens.

Na primeira estrofe é contextualizado o que é o olho, uma “espécie de globo”, comparado a um planeta pequeno, com pinturas que podem ser vistas do lado de fora. Essas pinturas têm diversas cores, e com isso podemos interpretar a especificidade de cada olho, logo de cada indivíduo, como também a sua complexidade.

O Olho é uma espécie de globo,
é um pequeno planeta
com pinturas do lado de fora.
Muitas pinturas:
azuis, verdes, amarelas.

A segunda estrofe inicia apresentando um aspecto do globo ocular e seu revestimento que o protege, igualando-o a um cristal. Além disso, há novamente uma comparação, desta vez entre a íris do olho com um aquário de plantas, e que por dentro dela há várias pinturas: pinturas que se veem e outras que não. Nesta parte, uma das possibilidades de interpretação, assim como no próprio poema é expresso, são as imagens do mundo, vistas e externas, e as imagens inventadas, imaginadas internamente.

É um globo brilhante:
parece cristal,
é como um aquário com plantas
finamente desenhadas: algas, sargaços,
miniaturas marinhas, areias, rochas, naufrágios e peixes de ouro.
Mas por dentro há outras pinturas,
que não se vêem:
umas são imagem do mundo,
outras são inventadas.

Finalizando o poema, a terceira estrofe percorre a anatomia do olho com foco no sentimental e na construção de imagens, materiais e imateriais. Diversos atores e fatores nos são apresentados como, atores atrelados a pessoas, cenas a lembranças, imagens a recordações e ausências a saudades, resultando “no Olho, lágrimas”.

O Olho é um teatro por dentro.
E às vezes, sejam atores, sejam cenas,
e às vezes, sejam imagens, sejam ausências,
formam, no Olho, lágrimas.



MÓDULO 1 - CIÊNCIA E TECNOLOGIA

**CECÍLIA MEIRELES (1901 - 1964)**

Nasceu e faleceu no Rio de Janeiro. Foi poeta, professora, jornalista e cronista. No período de 1919 a 1927, colaborou nas revistas *Árvore Nova*, *Terra de Sol* e *Festa*. Fundou a primeira biblioteca infantil do Brasil.

É considerada por muitos como uma das maiores poetisas da Língua Portuguesa. Em 1965, é agraciada com o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra, concedido pela Academia Brasileira de Letras.

**JOSÉ SARAGAMO (1922 - 2010)**

José de Sousa Saramago foi um escritor português. Galardoado com o Nobel de Literatura de 1998. Também ganhou, em 1995, o Prêmio Camões, o mais importante prêmio literário da língua portuguesa. Saramago foi considerado o responsável pelo efetivo reconhecimento internacional da prosa em língua portuguesa.

**XANGAI (1948 -)**

Eugênio Avelino, popularmente conhecido como Xangai é um cantor, compositor e violeiro brasileiro. Nasceu às margens do Córrego do Jundiá, afluente do Rio Jequitinhonha, na zona rural do município de Itapebi, no extremo sul da Bahia.

A seguir, iniciaremos o segundo módulo com a temática sobre diversidade cultural. Nele, assim os demais, será seguido a metodologia de círculos de leitura, cunhada por Cosson (2014).





DIVERSIDADE CULTURAL

MÓDULO 2



MÓDULO 2

Diversidade cultural

PLANO DE AULA

Objetivos

- Discutir o tema Diversidade Cultural e suas implicações na vida do homem, a partir dos textos literários em estudo;
- Ler com a turma, poesia, poema e um conto com entonação, postura e interpretação adequadas;
- Valorizar a experiência da produção literária para a formação humana;
- Relacionar o conteúdo dos textos literários em estudo com o tema Diversidade Cultural.

Conteúdos

- Diversidade Cultural;
- Poema “Meu Rosário”, de Conceição Evaristo;
- Poema “O estatuto do Homem”, de Thiago de Mello;
- Conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti.

Metodologia

- Círculo de Leitura
- Fichas de funções, referenciadas à Daniels, 2002: 107 - 32, descritas por Rildo Cosson no livro os Círculos de Leitura e Letramento Literário
 - a) Conector - Liga a obra ou o trecho lido com a vida, com o momento;
 - b) Questionador - Prepara perguntas sobre a obra para os colegas, normalmente de cunho analítico, tal como [sic] por que os personagens agem desse jeito? Qual o sentido deste ou daquele acontecimento?
 - c) Iluminador de passagens - Escolhe uma passagem para explicitar ao grupo, seja porque é bonita, porque é difícil de ser entendida ou porque é essencial para a compreensão do texto;
 - d) Ilustrador - traz imagens para ilustrar o texto;
 - e) Dicionarista - Escolhe palavras consideradas difíceis ou relevantes para a leitura do texto;
 - f) Sintetizador - Sumariza o texto;
 - g) Pesquisador - busca informações contextuais que são relevantes para o texto;
 - h) Cenógrafo - Descreve principais cenas;
 - i) Perfilador - Traça um perfil das personagens mais interessantes.

(DANIELS, 2002 apud COSSON, 2014, p. 142-143).



MÓDULO 2 - DIVERSIDADE CULTURAL



Recursos didáticos

- Apresentação de slides;
- Caixa de som;
- Textos literários fotocopiados.

Avaliação

- Autoavaliação da leitura, considerando os aspectos ligados à formação integral do homem e à relevância do tema.

Iniciaremos a seguir o poema “Meu rosário”, da escritora brasileira Conceição Evaristo. Nele, iremos notar aspectos de caráter cultural, principalmente atrelado à religiosidade e suas manifestações na vida de seus devotos, juntamente com uma metáfora à trajetória de mulheres negras.

Antes de iniciar o círculo de leitura, lembre-se de separar quatro momentos seguindo as etapas propostas por Cosson (2014). É necessário, que antes da leitura do texto, o aluno seja instigado ao texto que será lido, uma pré-leitura elucidando aspectos que o mesmo irá ler, conferindo a motivação da leitura. Algumas sugestões para este momento podem ser perguntas relacionadas à temática, apreciação de imagens, músicas ou formulação de tempestade de ideias sobre o que imaginam que encontraram no ato de leitura.

Em seguida, partimos para o momento da introdução apresentando o autor e a obra. Nesta etapa, geralmente, os alunos apresentam receio por considerarem os aspectos biológicos do autor da obra chatos e desnecessários, por isso, faça com que este momento seja mais dinâmico, atrelando a vivência e experiências do escritor ao contexto histórico em que viveu, e em que ambos os aspectos podem ter ajudado na construção do texto que será lido.

Na penúltima e terceira parte, será trabalhado a leitura do texto. É nela que podemos considerar o coração e o motivo do círculo de leitura, por isso é indispensável intervalos para a apreciação e debate da obra, assim como a assistência e apoio do professor aos alunos.

Por último, a etapa da interpretação congrega todos os aspectos trabalhados anteriormente somados às inferências dos educandos. É neste momento que serão feitas reflexões transdisciplinares, ligações com outras leituras, áreas do conhecimento e vivências, para “chegar à construção de sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade” (COSSON, 2014, p. 64).

TEXTO 1 - Poema “Meu rosário”, de Conceição Evaristo.

Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.
Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum e falo
padres-nossos, ave-marias.





Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques do meu povo
e encontro na memória mal adormecida
as rezas dos meses de maio de minha infância.
As coroações da Senhora, onde as meninas negras,
apesar do desejo de coroar a Rainha,
tinham de se contentar em ficar ao pé do altar
lançando flores.
As contas do meu rosário fizeram calos nas minhas mãos,
pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas, nas casas,
nas escolas, nas ruas, no mundo.
As contas do meu rosário são contas vivas.
(Alguém disse um dia que a vida é uma oração,
eu diria porém que há vidas-blasfemas).
Nas contas de meu rosário eu teço entumecidos
sonhos de esperanças.
Nas contas do meu rosário eu vejo rostos escondidos
por visíveis e invisíveis grades
e embalo a dor da luta perdida nas contas do meu rosário.
Nas contas de meu rosário eu canto, eu grito, eu calo.
Do meu rosário eu sinto o borbulhar da fome
no estômago, no coração e nas cabeças vazias.
Quando debulho as contas de meu rosário,
eu falo de mim mesma em outro nome.
E sonho nas contas de meu rosário lugares, pessoas,
vidas que pouco a pouco descubro reais.
Vou e volto por entre as contas de meu rosário,
que são pedras marcando-me o corpo-caminho.
E neste andar de contas-pedras,
o meu rosário se transmuda em tinta,
me guia o dedo,
me insinua a poesia.
E depois de macerar conta por conto do meu rosário,
me acho aqui eu mesma
e descubro que ainda me chamo Maria.

Conceição Evaristo, no livro "Poemas da recordação e outros movimentos". Belo Horizonte: Nandyala, 2008.



Sugestões para mediação da leitura

1. Podemos dizer que o poema "Meu rosário" traz reflexões sobre a condição da mulher negra na sociedade?



MÓDULO 2 - DIVERSIDADE CULTURAL



2. Que religiões estão presentes no poema de Conceição Evaristo?
3. “Há um hibridismo religioso no poema, em alguns versos podemos ver aspectos da religião católica e, em outros, de religiões de matrizes africanas, como a umbanda e o candomblé”. Destaque versos que comprovam a afirmação.
4. O que seriam as pessoas que possuem “vidas-blasfemas”?

Feita a leitura, inicie a dinâmica de apresentação de cada função do círculo de leitura por parte dos alunos. Logo após, estenda o momento de fala para os demais discentes da turma para comentarem sobre o texto.



Algumas reflexões

Observe os seis versos destacados do poema e reflita:

Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.
 Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum e falo
 padres-nossos, ave-marias.
 [...]

 As contas do meu rosário fizeram calos nas minhas mãos,
 pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas, nas casas,
 nas escolas, nas ruas, no mundo.

1. O eu-lírico apresenta dualidade de caráter religioso? Há um sentimento de confusão por conta de suas religiosidades?
2. Que paralelos podem ser feitos com os versos: (As contas do meu rosário fizeram calos nas minhas mãos / pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas, nas casas, / nas escolas, nas ruas, no mundo.)?
3. A autora denuncia alguma discriminação religiosa no poema? Justifique sua resposta com versos do poema.

Durante o processo, reserve momentos para os alunos destacarem pontos observados que chamaram atenção. Da mesma forma, peça para fazerem relações com dados da realidade e conhecimentos diversos.

Considerando a leitura completa do poema “Meu rosário”.

O poema inicia-se com um sincretismo religioso, no qual no primeiro verso já é possível notar elementos da religião do catolicismo, como “meu rosário”, que é uma prática de devoção praticada por fiéis pela recitação de orações, como o “pai-nosso” e “ave-marias”, também destacado no poema. A prática é realizada conjuntamente com um colar com contas ou nós, no qual cada nó é destinado uma oração. O eu lírico ainda destaca que em suas orações, canta “Mamãe Oxum”, uma orixá cultura nas religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda.



MÓDULO 2 - DIVERSIDADE CULTURAL



Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.
Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum e falo
padres-nossos, ave-marias.

Nos versos seguintes, é destacado que por meio dessas orações, o eu-lírico consegue escutar remotamente os batuques do seu povo, encontrando nesta memória relativamente adormecida, os rituais de coroação de Nossa Senhora, uma tradição religiosa do catolicismo que acontece no mês de maio, em que caracteristicamente a igreja católica dedica-o às mães, em especial a Maria.

Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques do
meu povo
e encontro na memória mal adormecida
as rezas dos meses de maio de minha infância.
As coroações da Senhora, onde as meninas negras,
apesar do desejo de coroar a Rainha,
tinham de se contentar em ficar ao pé do altar
lançando flores.

Nesta cerimônia, é comum vestir meninas de anjos para fazer a coroação de Nossa Senhora e, associando aos últimos versos acima, o eu lírico destaca o desejo de meninas negras de coroar a rainha, mas que não podiam e deviam se “contentar em ficar ao pé do altar lançando flores”.

No décimo, décimo primeiro e décimo segundo versos, há o inserimento de uma pensamento em relação às mãos que seguram esse rosário, mãos que possuem calos e estes foram causados em diversas situações e em diferentes espaços.

As contas do meu rosário fizeram calos nas minhas mãos,
pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas, nas casas,
nas escolas, nas ruas, no mundo.

Considerando que o eu-lírico é uma mulher negra, umas das interpretações possíveis deste trecho é a segregação, desigualdade de gênero, raça e classe que tal mulher sofre em diversos espaços, e a presença de calos, pode demonstrar que elas estão presentes em todos os espaços, mas sendo admitidas apenas, pela sociedade, se forem subservientes.

Em seguida é possível observar um trocadilho de palavras, quando a conotação de “contas” passa de um sentido do colar com nós para as próprias contas prestadas em vida. E que se “alguém disse um dia que a vida é uma oração”, o eu-lírico mostra que há pessoas que praticam tais orações, tais religiões, mas que invertem os valores religiosos, discriminando outras religiões.

As contas do meu rosário são contas vivas.
(Alguém disse um dia que a vida é uma oração,
eu diria porém que há vidas-blasfemas).



MÓDULO 2 - DIVERSIDADE CULTURAL



Em outros versos, é trazido pedidos de esperanças para novas manhãs, vendo que durante as orações, é possível enxergar “rostos escondidos, por visíveis e invisíveis grades”, finalizando com o eu-lírico guarda para si às lutas perdidas em suas preces.

Nas contas de meu rosário eu teço entumecidos
sonhos de esperanças.
Nas contas do meu rosário eu vejo rostos escondidos
por visíveis e invisíveis grades
e embalo a dor da luta perdida nas contas do meu rosário.

1. O que podemos entender no verso “rostos escondidos por visíveis e invisíveis grades”?
2. É possível dizer que as grades são no sentido literal da palavra, mas que também pode despontar para sentidos abstratos, como prisões internas?
3. Faça paralelos com notícias de discriminação religiosa com comunidades e/ou pessoas que possuem crenças de matriz africana.

Já perto do final do poema, o eu-lírico continua que em suas orações é possível sentir a fome “no estômago, no coração e nas cabeças vazias”, e que com isso canta, grita e se cala, perante a estas situações. Logo após, e depois descobriremos seu nome, fala de si mas em outro nome.

Nas contas de meu rosário eu canto, eu grito, eu calo.
Do meu rosário eu sinto o borbulhar da fome
no estômago, no coração e nas cabeças vazias.
Quando debulho as contas de meu rosário,
eu falo de mim mesma em outro nome.

1. O que podemos entender quando o eu-lírico diz conseguir falar de si, mas em outro nome? Ela está falando de Maria?
2. Nesta mescla do eu-lírico com Maria, mãe de Jesus, é possível atrelar a divindade a uma Maria comum? Que efeito é produzido nesta associação?

É relevado que por meio dessas orações, é possível encontrar lugares e pessoas, que pouco a pouco apresentam-se reais para o eu-lírico, e por meio desses encontros é que se marca o caminho e corpo desta que o narra.

Aos poucos em suas orações, é relevado que
E sonho nas contas de meu rosário lugares, pessoas,
vidas que pouco a pouco descubro reais.
Vou e volto por entre as contas de meu rosário,
que são pedras marcando-me o corpo-caminho.



MÓDULO 2 - DIVERSIDADE CULTURAL



Nos versos finais do poema “Meu rosário”, vemos que nesse caminhar de conta em conta, e das várias histórias e sentimentos, é que o eu-lírico o converte em tinta para escrever sua poesia, e que por meio desta ela se conhece e se acha, denominando-se Maria.

E neste andar de contas-pedras,
o meu rosário se transmuda em tinta,
me guia o dedo,
me insinua a poesia.
E depois de macerar conta por conto do meu rosário,
me acho aqui eu mesma
e descubro que ainda me chamo Maria.

1. Como o poema de Conceição Evaristo pode despontar reflexões sobre a diversidade cultural no Brasil?
2. Quais as consequências de se debater dentro de sala de aula, com diversas crenças e pessoas, temáticas como esta?

A seguir, continuaremos o módulo com o poema “Os estatutos do homem”, de Thiago Mello. Trabalhando este e os demais textos, não se esqueça das funções do círculo de leitura.

TEXTO 2 - Poema “Os estatutos do homem - ato institucional permanente”, de Thiago Mello.

Artigo I
Fica decretado que agora vale a verdade.
agora vale a vida,
e de mãos dadas,
marcharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo II
Fica decretado que todos os dias da semana,
inclusive as terças-feiras mais cinzentas,
têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

Artigo III
Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.



**Artigo IV**

Fica decretado que o homem
não precisará nunca mais
duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem
como a palmeira confia no vento,
como o vento confia no ar,
como o ar confia no campo azul do céu.

Parágrafo único:

O homem, confiará no homem
como um menino confia em outro menino.

Artigo V

Fica decretado que os homens
estão livres do jugo da mentira.
Nunca mais será preciso usar
a couraça do silêncio
nem a armadura de palavras.
O homem se sentará à mesa
com seu olhar limpo
porque a verdade passará a ser servida
antes da sobremesa.

Artigo VI

Fica estabelecida, durante dez séculos,
a prática sonhada pelo profeta Isaías,
e o lobo e o cordeiro pastarão juntos
e a comida de ambos terá o mesmo gosto de aurora.

Artigo VII

Por decreto irrevogável fica estabelecido
o reinado permanente da justiça e da claridade,
e a alegria será uma bandeira generosa
para sempre desfraldada na alma do povo.

Artigo VIII

Fica decretado que a maior dor
sempre foi e será sempre
não poder dar-se amor a quem se ama
e saber que é a água
que dá à planta o milagre da flor.

Artigo IX

Fica permitido que o pão de cada dia
tenha no homem o sinal de seu suor.





Mas que sobretudo tenha
sempre o quente sabor da ternura.

Artigo X
Fica permitido a qualquer pessoa,
qualquer hora da vida,
uso do traje branco.

Artigo XI
Fica decretado, por definição,
que o homem é um animal que ama
e que por isso é belo,
muito mais belo que a estrela da manhã.

Artigo XII
Decreta-se que nada será obrigado
nem proibido,
tudo será permitido,
inclusive brincar com os rinocerontes
e caminhar pelas tardes
com uma imensa begônia na lapela.

Parágrafo único:
Só uma coisa fica proibida:
amar sem amor.

Artigo XIII
Fica decretado que o dinheiro
não poderá nunca mais comprar
o sol das manhãs vindouras.
Expulso do grande baú do medo,
o dinheiro se transformará em uma espada fraternal
para defender o direito de cantar
e a festa do dia que chegou.

Artigo Final.
Fica proibido o uso da palavra liberdade,
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
e a sua morada será sempre
o coração do homem.





Antes de começar a leitura do poema, converse com seus alunos o período histórico de sua produção, datada de 1964, ano que marcou o início do golpe civil-militar no Brasil. Esta informação é de extrema importância para a condução da leitura pois a produção acima foi uma resposta do autor aos anos ditatoriais brasileiros.



Sugestões para mediação da leitura

1. O poema de Thiago Mello pode ser considerado uma resposta para o golpe de 1964? Explique.
2. É possível traçar um paralelo da palavra “artigo”, usado no poema, com a palavra “ato”, utilizado no período ditatorial brasileiro? Que efeito esta comparação pode gerar?
3. O que o autor quis dizer nos versos “inclusive as terças-feiras mais cinzentas, / têm direito a converter-se em manhãs de domingo”?



Algumas reflexões

Releia o artigo III do poema e reflita sobre as perguntas a seguir:

Artigo I
Fica decretado que agora vale a verdade.
agora vale a vida,
e de mãos dadas,
marcharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo III
Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.

Artigo XII
Decreta-se que nada será obrigado
nem proibido,
tudo será permitido,
inclusive brincar com os rinocerontes
e caminhar pelas tardes
com uma imensa begônia na lapela.





1. O poema tem como subtítulo “ato institucional permanente”. Qual o sentido da palavra “permanente”? Algo permanente pode ser revogado? Qual efeito da escolha da palavra sobressai sobre os atos institucionais da ditadura de 1964?
2. O ato institucional nº3, instaurava eleições indiretas para cargos políticos nacionais, estaduais e municipais. Quando o autor, no primeiro artigo do poema ressalta que “vale a verdade”, que verdade ele está falando?
3. Nos versos “que os girassóis terão direito / a abrir-se dentro da sombra”, o autor quis trazer uma mensagem de esperança e liberdade dentro do poema? Quem são estes girassóis? O que a sombra significa se pensarmos na ditadura?
4. Qual ato institucional, precisamente, que podemos atrelar como resposta do artigo XII de Thiago de Mello?

Considerando a leitura completa do poema “Os estatutos do homem”.

Liberdade, esperança e verdade são algumas palavras que perpassam todo o poema, e o autor abre sua produção literária com este valor de verdade sendo contrário ao sentido de mentira implantado pela ditadura civil-militar no Brasil em 1964.

Artigo I

Fica decretado que agora vale a verdade.
agora vale a vida,
e de mãos dadas,
marcharemos todos pela vida verdadeira.

No artigo seguinte, há a exaltação da esperança, destacando que mesmo as mais duras e cinzentas terças-feiras, “têm o direito a converter-se em manhãs de domingo”. É importante ressaltar que o processo de golpe civil-militar teve início em uma terça-feira, dia 31 de março de 1964, por isso à alusão ao dia no poema.

Artigo II

Fica decretado que todos os dias da semana,
inclusive as terças-feiras mais cinzentas,
têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

Já no terceiro artigo, podemos ver com mais afinco o elemento da liberdade, fazendo uma referência com a palavra “girassóis” à população brasileira, dando de volta a ela o direito de se libertar mesmo dentro das “sombras”, esperando crescer de volta a esperança.

Artigo III

Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito



MÓDULO 2 - DIVERSIDADE CULTURAL



a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.

A verdade, em paralelo com a mentira, é tema dos artigos seguintes (IV ao XI), acentuando que “a verdade passará a ser servida antes da sobremesa”, ou seja, antes de qualquer coisa. E que por meio delas e através dela, todos caminharam juntos em uma sociedade na qual se sobressai a justiça e liberdade.

1. O autor coloca a liberdade como algo simples e imprescindível para a vida, bem como para a continuidade da democracia. Que contribuições para a formação de jovens de escolas públicas esta leitura pode gerar?
2. O autor demonstra compromisso com seu país e a democracia brasileira?
3. Muitos artistas utilizaram de sua produção para denunciar, conscientizar e discutir os horrores realizados durante a ditadura. Podemos dizer que Thiago de Mello também contribuiu com esta produção?

De volta à temática da liberdade, o autor no artigo XII, ao que parece, dedica exclusivamente a estrofe como resposta ao ato institucional nº5, que instaurava em sua essência, a possibilidade de recesso ao Congresso Nacional, o reforço à censura, à tortura, retirando assim qualquer direito dos cidadãos.

Artigo XII
Decreta-se que nada será obrigado
nem proibido,
tudo será permitido,
inclusive brincar com os rinocerontes
e caminhar pelas tardes
com uma imensa begônia na lapela.

No artigo final do poema, é enfatizado que o uso da palavra liberdade será suprimida dos dicionários, pois o sentido desta palavra será a priori de qualquer ação humana, e que nada será realizado sem ela e o seu significado será conhecido por todos.

Artigo Final
Fica proibido o uso da palavra liberdade,
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
e a sua morada será sempre
o coração do homem.





Dando continuidade ao módulo e encerrando-o, iniciaremos o conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, que traz em sua escrita reflexões sobre desejo, autonomia feminina e relacionamentos.

TEXTO 3 - Conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti.

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.





– Uma casa melhor é necessária – disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

– Para que ter casa, se podemos ter palácio? – perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecida, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

– É para que ninguém saiba do tapete – ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: – Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso, tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continham. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido, estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte."





Sugestões para mediação da leitura

1. Quais assuntos podemos extrair da leitura do conto?
2. A moça tecelã se via infeliz e solitária. Por que ela necessitaria de um marido para a fazer feliz?
3. A partir de que acontecimento da narrativa a tecelã muda seu modo de viver para adequar-se?

Após a leitura do conto, inicie a dinâmica de apresentação de cada função do círculo de leitura por parte dos alunos. Logo após, estenda o momento de fala para os demais discentes da turma que queiram comentar sobre o texto.



Algumas reflexões

Releia os parágrafos a seguir e dialogue as respostas das perguntas:

– É para que ninguém saiba do tapete – ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: – Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso, tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

1. É possível descrever que o relacionamento da moça tecelã com o seu companheiro se tornou abusivo? Por quais motivos?
2. Em determinado momento da narrativa a personagem tecelã é aprisionada por seu companheiro. Tal violência pode ser atrelada ao confinamento doméstico?
3. Se a moça tecelã não tivesse tomado a atitude de “destecer” o que produziu, quais possíveis cenários poderiam vir a acontecer com a personagem?

Terminada a leitura, incentive seus alunos na discussão do texto pedindo-os que relacionem o texto lido com outros, seja os presentes neste módulo, como também de leituras diversas. Quanto mais textos externos, surgem novas ideias e assuntos para se discutir, além de aumentar o repertório e o conhecimento de mundo nas leituras.

Considerando a leitura completa do conto “A moça tecelã”.

O conto se inicia com a personagem principal, acordando e logo em seguida, partindo para seu ofício de tecer. Tão grande era seu talento que a moça podia tecer tudo que desejava, desde o nascer do sol, às estações do ano e as próprias refeições.



MÓDULO 2 - DIVERSIDADE CULTURAL



Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

1. A personagem possuía autonomia de sua vida?
2. O desejo é algo muito presente na narrativa de Colasanti. Podemos tecer reflexões do texto para a realidade, relacionando ao desejo feminino?
3. Podemos dizer que a moça tecelã possuía certa independência? Por quê?

Na primeira sentença do parágrafo acima, é descrito para o leitor que nada faltava para a personagem, tudo que ela desejava, tecia. Mas com o passar do tempo, a moça começou a se sentir sozinha e pensou na possibilidade de tecer um companheiro, para deixar seus dias menos solitários.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

De início, o companheiro se mostrou amoroso e carinhoso, e ao lado de sua companhia, foi possível vislumbrar outros futuros, como por exemplo, a maternidade, pensando “nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade”. Aos poucos, a maneira de se portar da personagem foi se modificando devido às exigências do marido.

– Uma casa melhor é necessária – disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

1. A moça tecelã atrelou sua felicidade a ter um marido e a construir uma família. Tais pensamentos, em nossa sociedade, são vendidos por um sistema patriarcal capitalista?

Mal a casa estava recém construída, o marido advertiu a construção de um palácio da maneira que gostaria. Assim, a tecelã passou vários meses ocupada com as exigências do companheiro, ao mesmo tempo que se entristecia e o sonho de ser completamente feliz ia se distanciando.



MÓDULO 2 - DIVERSIDADE CULTURAL



Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Depois de finalizado o palácio, com vários cômodos disponíveis e toda a riqueza acumulada, aprisionou a personagem no quarto mais alto da torre, exigindo mais elementos à sua mais nova morada, como estrebarias e cavalos.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

– É para que ninguém saiba do tapete – ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: – Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

1. Baseando-se no conto de Colasanti, o comportamento do marido poderia se enquadrar em um tipo de violência?
2. Podemos enquadrar a relação da personagem com o marido como um relacionamento abusivo? Por quê?

Na reta final do conto, a personagem, passados os dias tecendo as exigências do marido, percebeu que tudo que ela havia construído, todos os tesouros, a companhia do marido que tanto almejava, estavam surtindo o efeito contrário do qual tanto desejava. Assim, nos parágrafos seguintes, a personagem desfaz todo o trabalho feito, inclusive o próprio marido.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois deste céu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continham. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido, estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o chapéu emplumado.

Finalizado o módulo sobre diversidade cultural, passaremos para o seguinte com a temática de educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras.



MÓDULO 2 - DIVERSIDADE CULTURAL

**CONCEIÇÃO EVARISTO (1946 -)**

Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma linguista e escritora brasileira. Agora aposentada, teve uma prolífica carreira como pesquisadora-docente universitária. É uma das mais influentes literatas do movimento pós-modernista no Brasil, escrevendo nos gêneros da poesia, romance, conto e ensaio.

**THIAGO MELLO (1926 - 2022)**

Amadeu Thiago de Mello foi um poeta, jornalista e tradutor brasileiro. Foi considerado um dos poetas mais influentes e respeitados no país, reconhecido como um ícone da literatura regional.

**MARINA COLASANTI (1997 -)**

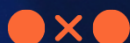
Marina Colasanti é uma escritora, contista, jornalista, tradutora e artista plástica italo-brasileira nascida na então colônia italiana da Eritreia. A autora publicou mais de 70 obras para crianças e adultos.





**EDUCAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO
DO MULTICULTURALISMO NAS
MATRIZES HISTÓRICAS E
CULTURAIS BRASILEIRAS**

MÓDULO 3





MÓDULO 3

Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras.

PLANO DE AULA

Objetivos

- Discutir o multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras em textos literários, ressaltando a importância destas para a formação da sociedade brasileira;
- Discutir o racismo presente na sociedade e o seu impacto nas populações quilombolas brasileiras;
- Ler e analisar, juntamente com a turma, dois poemas e um cordel de autoras negras brasileiras;
- Incentivar e valorizar a leitura de obras literárias produzidas por autoras negras contemporâneas;
- Estabelecer conexões interdisciplinares com a leitura dos textos literários;
- Enriquecer o repertório histórico-sociocultural dos alunos por meio da leitura dos textos literários.

Conteúdos

- Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras;
- Poema “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo;
- Poema “Eu-Mulher”, de Conceição Evaristo;
- Cordel “Não me chame de mulata”, de Jarid Arraes.

Metodologia

- Círculo de Leitura
- Fichas de funções, referenciadas à Daniels, 2002: 107 - 32, descritas por Rildo Cosson no livro *Os Círculos de Leitura e Letramento Literário*
 - a) Conector - Liga a obra ou o trecho lido com a vida, com o momento;
 - b) Questionador - Prepara perguntas sobre a obra para os colegas, normalmente de cunho analítico, tal como [sic] por que os personagens agem desse jeito? Qual o sentido deste ou daquele acontecimento?
 - c) Iluminador de passagens - Escolhe uma passagem para explicitar ao grupo, seja porque é bonita, porque é difícil de ser entendida ou porque é essencial para a compreensão do texto;
 - d) Ilustrador - traz imagens para ilustrar o texto;
 - e) Dicionarista - Escolhe palavras consideradas difíceis ou relevantes para a leitura do texto;
 - f) Sintetizador - Sumariza o texto;



MÓDULO 3 - EDUCAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DO MULTICULTURALISMO



- g) Pesquisador – busca informações contextuais que são relevantes para o texto;
- h) Cenógrafo - Descreve principais cenas;
- i) Perfilador - Traça um perfil das personagens mais interessantes.

Recursos didáticos

- Apresentação de slides;
- Caixa de som;
- Projetor;
- Textos literários fotocopiados.

Avaliação

- Autoavaliação da leitura, considerando os aspectos ligados à formação integral do homem e à relevância do tema.

Assim como no módulo passado, todo o processo introdutório ao círculo de leitura deve ser realizado em cada etapa, ou seja, fazendo a divisão da turma em grupos e distribuindo os papéis de cada leitor conforme as fichas de funções ressaltadas (conector, questionador, iluminador, ilustrador, dicionarista, sintetizador, pesquisador, cenógrafo e perfilador), propostas por Cosson (2014). Dessa forma, é importante a organização dos alunos em círculo e o estabelecimento de condutas durante o momento como, por exemplo, pausas para discussão das estrofes.

Antes de iniciar o círculo de leitura, lembre-se de separar quatro momentos seguindo as etapas propostas por Cosson (2014). É necessário, que antes da leitura do texto, o aluno seja instigado ao texto que será lido, uma pré-leitura elucidando aspectos que o mesmo irá ler, conferindo a motivação da leitura. Algumas sugestões para este momento podem ser perguntas relacionadas à temática, apreciação de imagens, músicas ou formulação de tempestade de ideias sobre o que imaginam que encontraram no ato de leitura.

Algumas perguntas que podem ajudar na introdução ao tema são:

1. *Existe apenas uma cultura no Brasil?*
2. *Por que algumas culturas sofrem com discriminação em comparação a outras?*

Em seguida, partimos para o momento da introdução apresentando o autor e a obra. Nesta etapa, geralmente, os alunos apresentam receio por considerarem os aspectos biológicos do autor da obra chatos e desnecessários, por isso, faça com que este momento seja mais dinâmico, atrelando a vivência e experiências do escritor ao contexto histórico em que viveu, e em que ambos os aspectos podem ter ajudado na construção do texto que será lido.



MÓDULO 3 - EDUCAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DO MULTICULTURALISMO

Na penúltima e terceira parte, será trabalhado a leitura do texto. É nela que podemos considerar o coração e o motivo do círculo de leitura, por isso é indispensável intervalos para a apreciação e debate da obra, assim como a assistência e apoio do professor aos alunos.

Por último, a etapa da interpretação congrega todos os aspectos trabalhados anteriormente somados às inferências dos educandos. É neste momento que serão feitas reflexões transdisciplinares, ligações com outras leituras, áreas do conhecimento e vivências, para “chegar à construção de sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade” (COSSON, 2014, p. 64).

TEXTO 1 - Poema “Meu rosário”, de Conceição Evaristo.

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si



MÓDULO 3 - EDUCAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DO MULTICULTURALISMO



a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(In: Poemas de recordação e outros movimentos, 3.ed., p. 24-25).



Sugestões para mediação da leitura

1. Que temáticas podemos dizer que estão sendo abordadas no texto?
2. Quais reflexões podemos desenvolver sobre o “ontem – o hoje – o agora”, em relação ao racismo sofrido por pessoas negras no Brasil?
3. Que paralelos podemos traçar do texto lido com multiculturalismo e matrizes históricas brasileiras?

Após a leitura do poema "Vozes-Mulheres", inicie a dinâmica de apresentação de cada função do círculo de leitura por parte dos alunos. Logo após, estenda o momento de fala para os demais discentes da turma que queiram comentar sobre o texto.



Algumas reflexões

Releia as duas últimas estrofes do poema e faça as perguntas abaixo:

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

1. A penúltima e última estrofe podem apontar aspectos de herança cultural e resistência por parte das mulheres negras destacadas?
2. O poema de Conceição Evaristo pode trazer questionamentos sobre as situações da população negra historicamente no Brasil?



MÓDULO 3 - EDUCAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DO MULTICULTURALISMO



Durante o processo, reserve momentos para os alunos destacarem pontos observados que chamaram atenção. Da mesma forma, peça para fazerem relações com dados da realidade, conhecimentos diversos e, principalmente, com informações históricas e socioculturais, perfazendo um viés transdisciplinar de disciplinas como história e sociologia.

Considerando a leitura completa do poema “Vozes-Mulheres”.

Ao se trabalhar o poema “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo, nos moldes das funções do círculo de leitura apresentadas por Rildo Cosson (ANO), é possível ver as diversas possibilidades que podem surgir a partir deste texto literário dentro do ambiente escolar.

As funções de conector, questionador, iluminador de passagens, ilustrador, dicionarista, cenógrafo e pesquisador podem ser desempenhadas sem muitos esforços, considerando o aspecto subjetivo do aluno, de certa maneira, com o que está sendo lido. Em contrapartida, as funções de sintetizador e perfilador ganham desafios na leitura, pois a autora traz uma carga histórica na escrita, preferindo não dar nomes às “vozes-mulheres” do poema, nem mesmo a própria personagem que o narra.

Na primeira estrofe, Conceição Evaristo inicia sua narrativa poética com aspectos históricos, evidenciando o sequestro da bisavó da narradora “nos porões do navio” e da infância interrompida, remetendo ao período de escravização da população negra em meados do século XVI e XIX, conhecido como Brasil Colônia.

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A partir da terceira estrofe, é traçado as sequelas que esse período deixou na vida da população negra e, em específico, na vida de mulheres negras progressivamente, como podemos ver a seguir:

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

1. Quais consequências podem ser vistas no passado escravocrata brasileiro que permanecem ainda no presente?



MÓDULO 3 - EDUCAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DO MULTICULTURALISMO



2. Quais medidas foram e estão sendo tomadas para a inserção da população negra na sociedade brasileira?

Passadas as gerações da bisavó, avó e sua mãe, a narradora parte para a própria e, principalmente, de sua filha. Ressaltando a ancestralidade e os percalços sofridos na sua vida, que são consequências históricas passadas de geração em geração e que não possuem soluções concretas, dado a não mudança de realidade.

A minha voz ainda
eco a versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

1. O que podemos entender por “rimas de sangue e fome”?
2. De quem são as “vozes mudas caladas” da quinta estrofe?
3. Ainda há o silenciamento e apagamento de mulheres negras na sociedade?

A transição da penúltima estrofe para a última ressalta que ela, a narradora, e sua filha, são a soma de todas as outras mulheres que as geraram. Assim, todas as histórias, todas as “vozes mudas caladas” também fazem parte delas e de suas histórias.

Ao fechar o poema, a autora traz uma mensagem de esperança e resistência, pois as cinco vozes-mulheres no poema tornam-se uma, na figura da filha da narradora e, com ela, será ouvido o eco da vida-liberdade, resignificando e dando uma nova visão na trajetória da personagem filha que será diferente.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

1. No quarto verso da última estrofe, quando a autora destaca “o ontem - o hoje - o agora”, o que ela pretende dizer com isso?



MÓDULO 3 - EDUCAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DO MULTICULTURALISMO



2. Considerando o aspecto multicultural brasileiro, e uma de suas populações formadoras históricas, a respeito da população negra, qual a relação que é possível estabelecer com o poema de Conceição Evaristo?

A seguir, continuaremos o módulo com outro poema de Conceição Evaristo, intitulado “Eu-Mulher”. Desta vez, como se verá, a temática do texto não estará tão atrelada ao assunto do poema anterior, a situação da mulher negra brasileira e, conseqüentemente, da população negra. Nesta, a autora dedica sua escrita literária à representação do corpo feminino na geração de vida.

TEXTO 2 - Eu-Mulher, de Conceição Evaristo.

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo.

Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.



Sugestões para mediação da leitura

1. O que podemos entender nos versos “em baixa voz / violento os tímpanos do mundo?”



MÓDULO 3 - EDUCAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DO MULTICULTURALISMO



2. Quais os significados das palavras “matriz” e “motriz”? E qual o efeito de sentido produzido na leitura com estas palavras sequenciadas nos versos?
3. Qual estrofe indica o início de contrações do parto?



Algumas reflexões

Reveja as duas últimas estrofes do poema e análise as perguntas em seguida:

Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo

Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.

1. É possível observar na escrita literária da autora um elemento de sonoridade na leitura do poema? Evidencie em algum verso.
2. Podemos atrelar o poema a uma ideia de deusa-criação, geradora de vida no mundo?

Considerando a leitura completa do poema “Eu-Mulher”.

A autora Conceição Evaristo é conhecida por trazer em seus escritos literários, seja em crônicas, contos, romances, novelas e poemas, temáticas como o eu-feminino, atrelada a “escrivência” da mulher negra brasileira, como também temas relacionados ao patriarcado e as opressões/desigualdades resultantes de gênero, classe e, principalmente, raça.

Nesta narrativa poética, partindo primeiramente do próprio título, a autora evidencia e delimita um espaço de fala, o do “eu-mulher”, partindo que a figura feminina irá relatar os acontecimentos relacionados, por exemplo, à menstruação, parto e a figura da mulher na sociedade.

Logo na primeira estrofe, é trazido vários elementos que conduzem o texto poético e dão conotações sagradas ao eu-lírico, como apontam Pereira e Costa (2019):



MÓDULO 3 - EDUCAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DO MULTICULTURALISMO



[...] o leite materno e a menstruação, elementos associados à fertilidade e ao poder de criação da mulher, isto é, ao poder de gerar e manter a vida, o que a fazia ser comparada, nos primórdios da civilização, à Deusa-Mãe, a quem pertencia os saberes e a conexão mágica com a natureza, sendo responsável pela vida, morte e renascimento dos seres, o que a fez ser queimada como bruxa nos tempos da inquisição na sociedade patriarcal europeia da Idade Média.

1. Aponte versos que contemplam os processos de amamentação, menstruação e nascimento.
2. A temática é importante para se trabalhar no ensino médio?
3. É possível dizer que a autora ao mesmo tempo que demonstra pelas palavras a dor de gerar uma vida, também a coloca como algo belo?
4. Qual a importância de se dar espaço à leitura de textos literários com eu-líricos voltados para o eu-feminino na formação de jovens do ensino médio?

Como pontuado na introdução deste segundo texto do módulo, a autora trata de uma temática geral e comum de boa parte das mulheres, mas que também podemos levar questionamentos e reflexões sobre, como por exemplo, que mulheres são essas. Seguindo esta linha:

Precisamos delimitar de qual mulher se fala, como lembra Ribeiro (2018, p. 25), para “não universalizar essa categoria, sob o risco de manter na invisibilidade aquelas que combinam ou entrecruzam opressões”. Falamos da mulher branca ou da negra?; da pobre ou da rica?; da oriental ou da ocidental; da mulher livre das comunidades matrifocais ou da mulher sob a opressão do patriarcado?, etc. (PEREIRA & COSTA, 2019).

Outro ponto que deve ser ressaltado é o de mulheres que não podem engravidar, não só mulheres trans, como comumente é atrelado esta ideia e invisibilizada suas existências, mas também de mulheres que por algum fator de saúde, não podem engravidar.

Apesar de ser um poema relativamente curto, as interpretações do texto podem se estender ao longo da leitura com as devidas pausas para os momentos de discussão. Deixe que seus alunos falem sobre o texto, relatos e pensamentos relacionados às mães podem surgir durante a leitura.

O próximo, e último texto deste módulo, é da escritora cearense Jarid Arraes. Conhecida popularmente por sua literatura de cordel, a autora é relativamente nova no cenário literário brasileiro, mas já considerada uma das melhores escritoras de sua geração.



MÓDULO 3 - EDUCAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DO MULTICULTURALISMO



TEXTO 3 - “Não me chame de Mulata”, de Jarid Arraes.

Eu começo este cordel
Recorrendo ao dicionário
Pois o tal livro reflete
Um saber reacionário
Já que o significado
Do verbete ali mostrado
É antigo e ordinário.

Tomarei como um exemplo
A palavra de “mulata”
Revelada a sua origem
Que me fez estupefata
Pois compara com jumento
Com racista entendimento
A gente miscigenada.

Se você não conhecia
Eu lhe posso explicar
Que mulata se dizia
Com o fim de debochar
O termo pejorativo
Era depreciativo
Sem noção de respeitar.

É chamado de mulato
Aquele que é misturado
Um dos pais é de cor negra
Sendo o outro branqueado
Mas a miscigenação
No início da nação
Foi um mal desnaturado.

Nunca foi caso de amor
Como se pode alegar
Era caso de estupro
Que à negra ia abusar
O senhor da Casa Grande
Mui cruel e dominante
Pronto pra violentar.

E além dessa faceta
Existiu branqueamento
Como oficial medida
Para o tal clareamento
Com o fim de exterminar
De pra sempre eliminar
O negro do pensamento.

Essa torpe intenção
Que visava misturar
A cor negra e a branca
Até por fim conquistar
Um final clareamento
Jogando no esquecimento
A cor preta a incomodar.

É verdade que hoje em dia
No Brasil é proibido
O racismo já é crime
Mas não é nada escondido
Pois a imagem da mulata
Hoje ainda nos relata
Tal racismo aludido.

É possível ainda hoje
Um ditado se escutar
Se o pai é homem preto
E com branca se casar
Todos rezam pra nascer
Um bebê pra condizer
Que à mãe deve puxar.

Se tiver a pele clara
Mas cabelo encrespado
Sendo meio “moreninho”
E com nariz achatado
Vai sofrer com o racismo
Desse mundo de cinismo
Porcamente enquadrado.



MÓDULO 3 - EDUCAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DO MULTICULTURALISMO



E aí ninguém mais pensa
Que a mistura o clareou
Se o cabelo não é liso
Se o nariz não afilou
É tratado como preto
Com racismo obsoleto
Que jamais se acabou.

O problema, realmente
Na mistura não consiste
Mas é na mentalidade
Que o racismo ainda existe
Julgando que é um problema
E fazendo de um dilema
Essa cor que a pele exhibe.

O problema é a tentativa
De impor branqueação
Destruindo a identidade
Para o povo da nação
Impedindo de enxergar
O racismo a clarear
Nessa padronização.

No passado se queria
O final da negritude
Que incomodava o branco
Por ter forte atitude
Pois a preta identidade
É dotada de verdade
De beleza e plenitude.

Os racistas do passado
Inda vivem no presente
Têm um discurso furado
Ensinado para a gente
De que negro não existe
E no termo vil insiste
Com postura insolente.

Vão chamando de mulato
Ou de pardo e bronzeado
Dizem que é cor de jambo
Tom moreno e amarronzado
Chama até de chocolate
Nesse torpe disparate
De racismo nomeado.

Só não chama pelo nome
Que lhe é fortalecido
Pois racista não tolera
O negro que é entendido
Que bem sabe de sua cor
E por ela tem amor
Com orgulho agradecido.

Quando digo que sou negra
Corre um monte pra falar
Que não sou suficiente
Para me identificar
Se não fosse irritante
Ia ser hilariante
Mas é de se preocupar.

Pois na hora do racismo
Quando querem desprezar
Todo o tipo de exclusão
Contra mim querem jogar
Já negaram até trabalho
Me queriam de cangalho
Para em mim poder pisar.

Mas a partir do momento
Que de tudo me toquei
Entendi o meu contexto
E enfim me empoderei
Tenho uma identidade
Forte essa integridade
E de negra me enxerguei.



MÓDULO 3 - EDUCAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DO MULTICULTURALISMO



Essa palavra “mulata”
Ela não me representa
Não sou cria de jumento
Nem de burro sou rebenta
Eu sou filha duma gente
Corajosa e imponente
Com história opulenta.

Não aceito essa carimbo
De “mulata” Globeleza
O meu corpo não é coisa
Pra racista nojenteza
Sei bem mais do que sambar
Pro machismo se acabar
Eu te passo essa certeza.

A beleza das pessoas
Está na diversidade
É por isso que acredito
Com muita sinceridade
Que ser negra é alegria
Com destreza e ousadia
É minha prioridade.

Não me chame de morena
Pois a minha aparência
Contém a ideologia
Da mais pura sapiência
É dotada de intenção
Com fim de libertação
Cheia de resiliência.

Eu mantenho sempre viva
Essa herança ancestral
Que por mim se perpetua
E que em mim é maior
Negritude é baluarte
Resistente contraparte
Ao racismo imoral.

É por isso que eu exijo
O respeito que é devido
Que aceite a minha fala
E não venha de atrevido
Venha enfim compreender
Bem disposto para ver
O que tenho promovido.

Não me chame de mulata
Eu sou negra orgulhosa
Não me chame de morena
Eu sou preta vigorosa
Tenho garra pra lutar
Para a todos ensinar
Sempre bem esperançosa.

Essa minha identidade
Possui força exemplar
É firmada na coragem
De unir e conquistar
Resgatei minha raiz
E agora eu sou feliz
Pelo que posso contar.



MÓDULO 3 - EDUCAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DO MULTICULTURALISMO



Sugestões para mediação da leitura

1. Quais estrofes apontam que o preconceito sofrido por pessoas negras se ramifica em suportes como a escrita e a televisão?
2. Que nomes, segundo a autora, são dados a pessoas negras que invisibilizam sua cor de pele e apagam suas identidades?
3. Os estupros sofridos por mulheres negras escravizadas e as políticas de embranquecimento podem ser associadas a algum período histórico na formação da sociedade brasileira?

Composto por 28 estrofes, o cordel da autora se organiza em formato de septilhas - com sete versos em cada estrofe-, trazendo aspectos do oral, já que o gênero literário caracteriza-se por mesclar o escrito com o falar no papel. Deste modo, ressalte à seus alunos a importância da oralidade na narrativa cordelista, dando espaços para as discussões que possam surgir.



Algumas reflexões

Releia as estrofes 18ª, 20ª, 27ª, respectivamente, e reflita sobre os questionamentos a seguir:

Quando digo que sou negra	Mas a partir do momento	Não me chame de mulata
Corre um monte pra falar	Que de tudo me toquei	Eu sou negra orgulhosa
Que não sou suficiente	Entendi o meu contexto	Não me chame de morena
Para me identificar	E enfim me empoderei	Eu sou preta vigorosa
Se não fosse irritante	Tenho uma identidade	Tenho garra pra lutar
la ser hilariante	Forte essa integridade	Para a todos ensinar
Mas é de se preocupar.	E de negra me enxerguei.	Sempre bem esperançosa.

1. A partir da segunda metade do cordel, há uma forte presença dos sentimentos de reconhecimento, identificação e orgulho em ser negro (a). Visto isso, você reconhece em alunos de sua turma este reconhecimento enquanto negros (as)? Faça uma pergunta sobre isso enquanto estiverem no círculo de leitura. Devido ao racismo estrutural da sociedade brasileira, diversas pessoas crescem sem se reconhecerem como negros(os).
2. Que paralelos podemos traçar entre o cordel “Não me chame de mulata” e “Vozes-Mulheres”?

Considerando a leitura completa do poema “Não me chame de mulata”.



MÓDULO 3 - EDUCAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DO MULTICULTURALISMO



Jarid Arraes, inicia seu cordel recorrendo ao significado da palavra “mulata” no dicionário. Por se tratar de um livro, que traz a escrita e como tal, há um reconhecimento e validação das informações ali descritas, mas logo se vê que carrega o preconceito no sentido da palavra. Veja o significado encontrado na segunda estrofe:

Tomarei como um exemplo
A palavra de “mulata”
Revelada a sua origem
Que me fez estupefata
Pois compara com jumento
Com racista entendimento
A gente miscigenada.

Em seguida, a autora continua explicando para aquele(a) leitor(a) que não conhece o significado da palavra, a conotação pejorativa que a mesma carrega e seu cunho racista, remetendo que essa expressão possui um passado que traz consigo os estupros, violentações e assédios sofridos por mulheres negras escravizadas, e posteriormente as ações tomadas pela elite brasileira entre os séculos XIX e XX para o apagamento de traços, e consequentemente, de identidade da população negra brasileira.

Nunca foi caso de amor	E além dessa faceta
Como se pode alegar	Existiu branqueamento
Era caso de estupro	Como oficial medida
Que à negra ia abusar	Para o tal clareamento
O senhor da Casa Grande	Com o fim de exterminar
Mui cruel e dominante	De pra sempre eliminar
Pronto pra violentar.	O negro do pensamento.

1. Peça para os alunos destacarem alguma estrofe que lhes chamou atenção para posteriormente fazerem uma comparação com dados da realidade.

Nas estrofes seguintes, para além da reafirmação desse projeto político que vigorou no Brasil, com a finalidade de “clarear” a população e deixá-la apresentável para uma sociedade civilizada, nos moldes de ideais europeus, também é ressaltado que racismo é crime mas que, por ainda permear um imaginário racista sobre a cor negra, ainda é propagado e praticado.



MÓDULO 3 - EDUCAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DO MULTICULTURALISMO



É verdade que hoje em dia	É possível ainda hoje
No Brasil é proibido	Um ditado se escutar
O racismo já é crime	Se o pai é homem preto
Mas não é nada escondido	E com branca se casar
Pois a imagem da mulata	Todos rezam pra nascer
Hoje ainda nos relata	Um bebê pra condizer
Tal racismo aludido.	Que a mãe deve puxar.

Na décima terceira e décima quarta estrofe, a autora expõe que essa ação de branqueamento da população negra, e toda a concepção do que é ser negro, atrelado a algo negativo, faz com que haja a destruição da identidade do “tornar-se negro” na sociedade.

O problema é a tentativa	No passado se queria
De impor branqueação	O final da negritude
Destruindo a identidade	Que incomodava o branco
Para o povo da nação	Por ter forte atitude
Impedindo de enxergar	Pois a preta identidade
O racismo a clarear	É dotada de verdade
Nessa padronização.	De beleza e plenitude

Da metade do cordel em diante, principalmente nas duas últimas estrofes, a autora coloca o processo de se reconhecer negra, em uma sociedade que possui uma base racista para se manter. Em seguida, ressalta o seu sentimento de orgulho de ser negra.

1. O poema “Vozes-mulheres” e o cordel “Não me chame de mulata” possuem relações em suas temáticas e perpassam temáticas relacionadas à população negra. Que aspectos podemos apontar desses dois textos literários?
2. Em umas das estrofes a autora Jarid Arraes fala de comentários que recebe por não ser considerada negra “o suficiente” (quando digo que sou negra / corre um monte pra falar / que não sou suficiente). Debata com os alunos o que é ser negro no Brasil. Traga também fotos da escritora Conceição Evaristo e Jarid Arraes e pontue a diversidade presente na negritude.
3. Qual a importância de se trabalhar o cordel “Não me chame de Mulata” para o empoderamento de se reconhecer negro em sala de aula?

O módulo de encerramento desta sequência didática tem como tema “Trabalho”, que desenvolverá a temática com a ideia de trabalho como princípio forte para o desenvolvimento do homem. Os textos literários escolhidos fazem reflexões sobre o trabalho, conforme as ideias de Karl Marx que diz, que o trabalho transforma a natureza e o próprio homem em seu processo de humanização. A sociedade é a completa unidade entre homem e natureza, o naturalismo realizado pelo homem e o resultado da humanização de sua natureza. “A indústria é a relação histórica real da natureza [...] com o homem”. (MARX, 1985, p. 152)



MÓDULO 3 - EDUCAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DO MULTICULTURALISMO

**JARID ARRAES (1991 -)**

Jarid Arraes é uma escritora, cordelista e poeta brasileira, autora dos livros *As Lendas de Dandara*, *Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis*, *Um buraco com meu nome* e *Redemoinho em dia quente*. Atualmente vive em São Paulo, onde criou o Clube da Escrita Para Mulheres.





TRABALHO

MÓDULO 4



MÓDULO 4

Trabalho

PLANO DE AULA

Objetivos

- Discutir a representação da figura do trabalhador e a temática “trabalho” na vida do ser humano a partir dos textos literários em estudo;
- Discutir como o trabalho modifica a vivência e essência do ser humano na sociedade;
- Ler e analisar, juntamente com a turma, dois poemas, sendo um uma canção, e um conto sobre a temática do módulo;
- Estabelecer conexões interdisciplinares com a leitura dos textos literários.

Conteúdos

- Trabalho;
- Conto “O túnel”, de Máximo Gorki;
- Música “Construção”, de Chico Buarque;
- Poema “Operário em construção”, de Vinicius de Moraes.

Metodologia

- Círculo de Leitura
- Fichas de funções, referenciadas à Daniels, 2002: 107 - 32, descritas por Rildo Cosson no livro os Círculos de Leitura e Letramento Literário
 - a) Conector - Liga a obra ou o trecho lido com a vida, com o momento;
 - b) Questionador - Prepara perguntas sobre a obra para os colegas, normalmente de cunho analítico, tal como [sic] por que os personagens agem desse jeito? Qual o sentido deste ou daquele acontecimento?
 - c) Iluminador de passagens - Escolhe uma passagem para explicitar ao grupo, seja porque é bonita, porque é difícil de ser entendida ou porque é essencial para a compreensão do texto;
 - d) Ilustrador - traz imagens para ilustrar o texto;
 - e) Dicionarista - Escolhe palavras consideradas difíceis ou relevantes para a leitura do texto;
 - f) Sintetizador - Sumariza o texto;
 - g) Pesquisador - busca informações contextuais que são relevantes para o texto;
 - h) Cenógrafo - Descreve principais cenas;
 - i) Perfilador - Traça um perfil das personagens mais interessantes.

(DANIELS, 2002 apud COSSON, 2014, p. 142-143).



MÓDULO 4 - TRABALHO



Recursos didáticos

- Impressão dos textos literários;
- Caixa de som e música “Operário”, de Chico Buarque;
- Projetor.

Avaliação

- Autoavaliação da leitura, considerando os aspectos ligados à formação integral do homem e à relevância do tema.

Começaremos o módulo com o conto “O túnel”, de Máximo Gorki. Em seguida continuaremos a trabalhar sobre a temática trabalho com a música “Construção”, de Chico Buarque. Para encerrar, será trago a poesia de Vinicius de Moraes, com seu poema “Operário em construção”.

Antes de iniciar o círculo de leitura, lembre-se de separar quatro momentos seguindo as etapas propostas por Cosson (2014). É necessário, que antes da leitura do texto, o aluno seja instigado ao texto que será lido, uma pré-leitura elucidando aspectos que o mesmo irá ler, conferindo a motivação da leitura. Algumas sugestões para este momento podem ser perguntas relacionadas à temática, apreciação de imagens, músicas ou formulação de tempestade de ideias sobre o que imaginam que encontraram no ato de leitura.

Em seguida, partimos para o momento da introdução apresentando o autor e a obra. Nesta etapa, geralmente, os alunos apresentam receio por considerarem os aspectos biológicos do autor da obra chatos e desnecessários, por isso, faça com que este momento seja mais dinâmico, atrelando a vivência e experiências do escritor ao contexto histórico em que viveu, e em que ambos os aspectos podem ter ajudado na construção do texto que será lido.

Na penúltima e terceira parte, será trabalhado a leitura do texto. É nela que podemos considerar o coração e o motivo do círculo de leitura, por isso é indispensável intervalos para a apreciação e debate da obra, assim como a assistência e apoio do professor aos alunos.

Por último, a etapa da interpretação congrega todos os aspectos trabalhados anteriormente somados às inferências dos educandos. É neste momento que serão feitas reflexões transdisciplinares, ligações com outras leituras, áreas do conhecimento e vivências, para “chegar à construção de sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade” (COSSON, 2014, p. 64).

TEXTO 1 - “O túnel”, de Máximo Gorki.

Sobre o lago azul e tranquilo, na funda moldura das montanhas contornadas de neves eternas, a renda escura dos jardins desce até a super-





ficie em pregas opulentas; da margem, miram-se na água casas brancas que parecem construídas de açúcar, e tudo ao redor é como um suave sonho de criança.

Manhã. Das montanhas flui carinhoso o aroma das flores, o sol acaba de nascer, e nas folhas das árvores, nos talos de grama, ainda brilha o orvalho. A fita cinzenta da estrada, jogada no silencioso desfiladeiro dos montes, é calçada de pedras, mas parece tão macia como veludo e dá vontade de alisá-la com a mão.

Sentado junto a um monte de cascalho está um operário, tostado de sol e lustroso como um besouro. Ele traz uma medalha no peito e seu rosto é sério, terno e audaz.

As mãos bronzeadas repousando nos joelhos, a cabeça erguida, ele fita o rosto de um transeunte parado debaixo do castanheiro e lhe diz:

- Isto aqui é por Simplon, senhor, é uma medalha pelo trabalho no túnel de Simplon.

E baixando os olhos para o peito, ele sorri carinhoso para a bonita peça de metal.

- É, qualquer trabalho é difícil até a hora em que a gente começa a gostar dele, mas depois, ele estimula e fica mais fácil. Mas mesmo assim - sim, foi difícil!

Ele balançou a cabeça de leve, sorrindo para o sol, animou-se de repente, fez um gesto com a mão, seus olhos brilharam:

- Foi até assustador. Pois mesmo a terra deve sentir alguma coisa, não é? Quando nós entramos fundo nela, abrindo aquela ferida na montanha, a terra lá dentro nos recebe com aspereza. Ela nos bafejou com um hálito quente que fazia o coração se contrair, a cabeça ficava pesada e doíam os ossos - isto foi sentido por muitos! Depois, ela despencava pedras sobre os homens e despejava sobre nós uma água quente... Sim, era muito assustador! Porque às vezes, à luz do fogo, a água ficava vermelha e meu pai me dizia: "Nós ferimos a terra e ela nos afogará, nos queimará todos com o seu sangue, tu verás!"

Claro, isso é fantasia, mas quando se ouvem tais palavras nas profundezas da terra, na escuridão úmida e abafada, entre o chapinhar lamuriendo da água e o ranger de ferro contra a pedra, a gente esquece um pouco as fantasias. E ali tudo era fantástico, meu caro senhor, nós, os homens, tão pequeninos e ela, essa montanha, tocando os céus, a montanha cujo ventre estávamos perfurando... Isso é preciso ver para compreender. É preciso ver a negra fauce rasgada por nós, os homenzinhos miúdos que entravam nela de manhã, ao nascer do sol, e o sol olhando tristonho os que se afastam dele para as entranhas da terra... É preciso ver as nossas máquinas e a alface soturna da montanha... E ouvir o ruído surdo nas profundezas dela, aquelas explosões, quais gargalhadas de um demente...

O operário examinou suas mãos, ajeitou a medalha sobre o casaco azul, suspirou baixinho:

- O homem, ele sabe trabalhar! - continuou dizendo ao transeunte com





evidente orgulho. Ó meu senhor, o pequenino homem, quando ele quer trabalhar, é uma força terrível! E acredite: no fim de tudo, esse homem pequenino fará tudo o que ele quiser. Meu pai, no começo, não acreditava nisso: “Varar a montanha de um país para outro” - dizia ele - “isso é contra Deus, que dividiu a terra com as muralhas dos montes. Vocês vão ver, a Madona não estará conosco!”.

Ele se enganou, o meu velho, a Madona estava com todos os que a amavam. Mais tarde, meu pai também começou a pensar assim, mas eu digo isso agora, porque depois ele se sentiu mais alto, mais forte que a montanha. Mas tempos houve em que, nos dias feriados, sentado à mesa diante de uma garrafa de vinho, ele admoestava, a mim e aos outros:

“Filhos de Deus” - era essa a sua frase preferida, porque ele era um homem religioso e bom - “filhos de Deus, não é lícito lutar assim com a terra, ela se vingará de vocês pelas suas feridas e permanecerá invicta! Vocês vão ver: nós vararemos a montanha até o seu coração, e quando o tocarmos, ele nos queimará, ele nos atirárá no fogo, porque o coração da terra é de fogo, isto todos sabem! Cultivara terra está certo, ajudar o seu parto é para nós um mandamento, mas aqui nós desfiguramos o seu rosto, as suas formas. Vejam: quanto mais nos aprofundamos pela montanha adentro, mais quente se toma o ar, mais difícil se faz respirar...”

O homem riu baixinho, torcendo o bigode com os dedos das duas mãos.

- Ele não era o único a pensar assim, e estava certo: quanto mais fundo, tanto mais quente ficava no interior do túnel, e mais adoeciam e caíam por terra os homens. E cada vez mais fortes jorravam as cálidas nascentes, esfarelava-se a rocha, e dois dos nossos, de Lugano enlouqueceram. E nas noites, na nossa caserna, muitos deliravam, gemiam e saltavam dos leitos, tomados de vago terror...

“Então eu não tenho razão?” - dizia meu pai, com o medo nos olhos e tossindo mais e mais, uma tosse cada vez mais surda... “Sim, então eu não tenho razão?” - repetia ele. “E coisa invencível, a terra!”.

E, por fim, ele se deitou para nunca mais se levantar. Ele era forte, o meu velho, por mais de três semanas ele lutou contra a morte, obstinado, sem queixas, como um homem que sabe o seu próprio valor. “Meu trabalho está terminado, Paolo!” - disse-me ele certa noite. “Cuide-se e volte para casa, e que a Madona te acompanhe!”

Depois, ficou calado por muito tempo, de olhos fechados, sufocando... O homem ficou de pé, espreguiçou-se com tanta força que as juntas estalaram.

- Meu pai tomou-me pela mão e me puxou para junto de si. É a santa verdade, senhor! - o operário deu um sorriso luminoso. Ele me falou: “Sabe, Paolo, filho meu, eu, mesmo assim, acho que isso se cumprirá: nós e aqueles que vêm vindo, escavando pelo outro lado, nós nos acharemos dentro da montanha, nós nos encontraremos... Você acredita nisso?”

Eu acreditava.

“Assim está bem, meu filho! Assim é que tem que ser: tudo deve ser feito com fé no resultado positivo e em Deus, que ajuda, com as preces da





Madona, as boas obras. Eu lhe peço, filho, se isso acontecer, se os homens se encontrarem lá dentro, venha para a minha sepultura e diga: 'Pai! Está feito!' - para que eu saiba!"

Aquilo era bom, senhor, e eu lhe prometi. O pai morreu cinco dias depois dessas palavras, e dois dias antes da morte, ele me pediu, e aos outros, que o enterrassem ali, no lugar onde ele trabalhara no túnel... Mas isso já era delírio, acho...

Nós e aqueles que vinham do outro lado nos encontramos treze semanas depois da morte do meu pai... Foi um dia de loucura, senhor! Oh, quando ouvimos ali, debaixo da terra, na escuridão, o ruído do outro trabalho, o rumor dos que vinham ao nosso encontro debaixo da terra - procure compreender senhor, debaixo do enorme peso da terra que poderia, se pudesse, esmagar-nos a nós, pequeninos, a todos duma vez!

Por muitos dias, nós ouvimos aqueles ruídos, tão sonoros, a cada dia eles ficavam mais claros, mais nítidos, e nós éramos dominados pela loucura jubilosa dos vencedores. Trabalhávamos como espíritos malignos, como desencarnados, sem sentir fadiga, sem observar instruções. Era bom, bom como uma dança num dia de sol, palavra de honra! E todos nós ficamos tão amáveis e tão bons, como se fôssemos crianças. Ah, se o senhor soubesse como é forte, como é insuportavelmente apaixonado o anseio de encontrar um ser humano nas trevas, debaixo da terra, no interior da qual a gente penetrou à força, como uma toupeira, durante longos meses!

Ele se inflamou todo, chegou bem perto do ouvinte e, fitando-o nos olhos, com seus profundos olhos humanos, continuou em voz baixa e jubilosa:

- E quando, finalmente, desabou a placa de rocha no orifício brilhou a chama rubra de um archote, iluminando um rosto estranho, inundado de suor e de lágrimas de alegria, e mais archotes e mais rostos, e ressoaram brados de vitória, gritos de alegria... Ah, esse foi o dia mais feliz da minha vida, e recordando-o, eu sinto que não vivi em vão! Houve o trabalho, o meu trabalho, um santo trabalho, senhor, eu lhe digo, sim! E quando subimos do fundo da terra para o sol, muitos, atirando-se de peito no chão, beijavam a terra e choravam... E isso era tão belo como é belo um conto de fadas!



Sugestões para mediação da leitura

1. Pelo título do conto e a narrativa que nos é apresentada, que tipo de trabalho é desempenhado pelo personagem Paolo e pelo seu falecido pai?
2. O pai, em conversas com seu filho, alertava-o dos riscos de continuar ferindo a montanha. Que passagens podemos comprovar tais falas?
3. Apesar das conversas com seu pai, Paolo continuou a trabalhar na mineração. Levante hipóteses: porque ele continuou no seu ofício?





Algumas reflexões

Releia as passagens retiradas do conto e indague as questões a seguir:

“É preciso ver a negra fauce rasgada por nós, os homenzinhos miúdos que entravam nela de manhã, ao nascer do sol, e o sol olhando tristonho os que se afastam dele para as entranhas da terra...”

“[...] mas aqui nós desfiguramos o seu rosto, as suas formas.”

1. *É possível dizer que o trabalho modifica a sua relação com a natureza?*
2. *As minerações realizadas na montanha podem causar danos à natureza? E a vida humana?*
3. *Em sua conversa com o transeunte, Paolo fala que seu pai morreu e que tinha diversas crises de tosse. A doença de seu pai pode ser atrelada ao seu antigo trabalho?*
4. *“Há uma exploração dupla no conto, tanto do operário quanto da natureza”. Esta afirmação está correta? Por quê?*

Considerando a leitura completa do conto “O túnel”.

O conto é iniciado com a descrição de um determinado espaço da natureza, destacando às suas características e belezas, como as “montanhas contornadas de neves”, as margens do lago que “parecem construídas de açúcar” e até mesmo os desfiladeiros, que são calçados de pedras tão macias que parecem “como veludo e dá vontade de alisá-la com a mão”. A uma exaltação de beleza e peculiaridade deste lugar que faz com o leitor seja visualizar o espaço na leitura.

Sobre o lago azul e tranqüilo, na funda moldura das montanhas contornadas de neves eternas, a renda escura dos jardins desce até a superfície em pregas opulentas; da margem, miram-se na água casas brancas que parecem construídas de açúcar, e tudo ao redor é como um suave sonho de criança.

Manhã. Das montanhas flui carinhoso o aroma das flores, o sol acaba de nascer, e nas folhas das árvores, nos talos de grama, ainda brilha o orvalho. A fita cinzenta da estrada, jogada no silencioso desfiladeiro dos montes, é calçada de pedras, mas parece tão macia como veludo e dá vontade de alisá-la com a mão.

Logo em seguida, nos é apresentado um dos personagens principais do conto, que logo mais saberemos o nome, e a sua felicidade por acabar de ganhar uma medalha do trabalho. A felicidade do rapaz é tamanha, que mesmo estando perto de um desconhecido, começa a conversar e a explicar o motivo do seu ganho. Não tarda, e inicia um diálogo que gera toda a narrativa do conto.



MÓDULO 4 - TRABALHO



As mãos bronzeadas repousando nos joelhos, a cabeça erguida, ele fita o rosto de um transeunte parado debaixo do castanheiro e lhe diz:

- Isto aqui é por Simplon, senhor, é uma medalha pelo trabalho no túnel de Simplon.

Ao decorrer da narrativa, nos surpreendemos com a descrição dada a montanha e as próprias falas da personagem, já que mesmo trabalhando em uma mineradora, são usadas expressões que marcam a destruição da natureza transfigurando-a em um ser vivo e que sofre, como nos trechos: “aquela ferida na montanha”; “ela nos bafejou com um hálito quente”; cujo ventre estávamos perfurando”.

1. Podemos deduzir que a figura da montanha é assemelhada a uma mulher?
2. Por que apesar de ser tão bela a natureza descrita no conto, é permanecido o seu processo de destruição?
3. O sistema capitalista colabora para a destruição da natureza?

Depois, o sentimento de orgulho do ofício também nos é apresentado, demonstrando exaltação ao trabalho praticado, e que só através dele é possível obter a dignidade para viver.

- O homem, ele sabe trabalhar! - continuou dizendo ao transeunte com evidente orgulho. Ó meu senhor, o pequenino homem, quando ele quer trabalhar, é uma força terrível! E acredite: no fim de tudo, esse homem pequenino fará tudo o que ele quiser [...]

Nos parágrafos seguintes, somos apresentados ao pai do personagem que descobrimos ser chamado de Paolo. O pai, em suas conversas com o filho, narra o erro que estão cometendo e que com ele virá consequências, mas o filho não lhe dá ouvidos por seu posto de trabalho já faz parte de seu ser, ele, Paolo, não se reconhece sem o seu trabalho.

Se o conto é iniciado com as belezas desta montanha e a natureza que a rodeia, a partir da metade da narrativa o foco é centrado em sua destruição, que ao mesmo tempo gera contradições no leitor pelas escolhas de palavras que despertam este sentido de dualidade entre a felicidade do trabalho pelo filho, mas a tristeza da destruição pelo pai.

Seguindo a exploração da figura do pai, descobrimos que sua saúde está comprometida e, nos próximos parágrafos, que veio a falecer. Com isso, alguns aspectos são importantes pois, mesmo não sendo comentado a causa de sua morte, é possível supor que a mineração causou danos à sua saúde.

“Então eu não tenho razão?” - dizia meu pai, com o medo nos olhos e tossindo mais e mais, uma tosse cada vez mais surda... “Sim, então eu não tenho razão?” - repetia ele. “E coisa invencível, a terra!”.



MÓDULO 4 - TRABALHO



E, por fim, ele se deitou para nunca mais se levantar. Ele era forte, o meu velho, por mais de três semanas ele lutou contra a morte, obstinado, sem queixas, como um homem que sabe o seu próprio valor. “Meu trabalho está terminado, Paolo!” - disse-me ele certa noite. “Cuide-se e volte para casa, e que a Madona te acompanhe!”

O encerramento do conto é dado com o personagem alcançando o objetivo de seu trabalho, como podemos ver no trecho a seguir:

- E quando, finalmente, desabou a placa de rocha no orifício brilhou a chama rubra de um archote, iluminando um rosto estranho, inundado de suor e de lágrimas de alegria, e mais archotes e mais rostos, e ressoaram brados de vitória, gritos de alegria... Ah, esse foi o dia mais feliz da minha vida, e recordando-o, eu sinto que não vivi em vão! Houve o trabalho, o meu trabalho, um santo trabalho, senhor, eu lhe digo, sim! E quando subimos do fundo da terra para o sol, muitos, atirando-se de peito no chão, beijavam a terra e choravam... E isso era tão belo como é belo um conto de fadas!

1. Qual efeito no leitor pelas palavras escolhidas pelo autor para descrever a natureza e ao mesmo tempo a sua destruição?
2. Para além da própria natureza a ser explorada, podemos usá-la como metáfora para a exploração de recursos naturais em massa pela indústria?
3. A mineração realizada na montanha pode gerar problemas ambientais? As consequências desses atos podem recair sobre os seres humanos?
4. Pelo orgulho nas falas do operário, é possível traçar um perfil de trabalhador que vive para o trabalho, que cultua o trabalho e sem ele não sabe viver?
5. Que relações podemos traçar com situação de trabalhadores e trabalhadoras fora do universo literário?

Prosseguindo o módulo, saímos de um conto para explorar a letra da canção “Construção”, de Chico Buarque.

TEXTO 2 - “Construção”, de Chico Buarque.

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe





Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público

Morreu na contramão atrapalhando o tráfego
Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo

E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico

Seus olhos embotados de cimento e tráfego
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo

E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago

Morreu na contramão atrapalhando o público
Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas

Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado.



Sugestões para mediação da leitura

1. Que profissão podemos deduzir que realizava o eu-lírico?
2. A linguagem poética de Chico Buarque na música “Construção” desperta um sentimento de aflição ou graça? Justifique.





3. Podemos dizer que a vida do operário se resumia ao trabalho? Por quê?
4. Peça para os alunos destacarem um parágrafo que lhes chamou a atenção e comentem o porquê da escolha.



Algumas reflexões

Releia o parágrafo em destaque e faça as perguntas a seguir:

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima.

1. A comparação do eu-lírico com “máquina” tira o aspecto humano do operário? Que efeito de sentido é despertado no leitor com esta comparação?
2. O que podemos deduzir do último verso do parágrafo: “seus olhos embotados de cimento e lágrima”? É possível dizer que as lágrimas são resultados do esforço e cansaço do trabalho?
3. Peça para os alunos continuarem a história apresentada no poema norteando-os com as seguintes perguntas: como ficará a família do operário?; o operário será lembrado/homenageado ou apenas visto em uma manchete de jornal?

Considerando a leitura completa da música “Construção”.

Na primeira estrofe o (a) leitor (a) é apresentado (a) ao eu-lírico que não possui nome, mas que inicia o poema em um tom de despedida. É nesta linguagem de partida que podemos prever o que acontecerá nos versos seguintes, principalmente pela repetição da palavra “último (a)”.

1. Apresente a música cantada por Chico Buarque e pergunte aos alunos: a melodia e ritmo da música se relacionam com a letra da canção?
2. É possível traçar paralelos entre a situação do eu-lírico com a realidade atual?

Refletindo sobre a narrativa poética, é possível que uma das interpretações em sua leitura seja que a não nomeação do eu-lírico deu-se de propósito, objetivando não delimitar nenhum rosto em específico, pois está representando a classe trabalhadora como um todo. Também é possível delimitar que o eu-lírico estava despedindo-se de sua família antes de começar mais um dia de trabalho.



MÓDULO 4 - TRABALHO



Amou daquela vez como se fosse a última
 Beijou sua mulher como se fosse a última
 E cada filho seu como se fosse o único
 E atravessou a rua com seu passo tímido

Nas duas estrofes seguintes, há a exploração da rotina de trabalho em específico desse operário que, atrelando o título do poema com os versos “ergueu no patamar quatro paredes sólidas / tijolo com tijolo num desenho mágico”, é plausível que seja um servente de obras. Na última estrofe destacada abaixo, o trabalhador tira seu momento de intervalo para descansar e realizar seu almoço.

Subiu a construção como se fosse máquina
 Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
 Tijolo com tijolo num desenho mágico
 Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado
 Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
 Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
 Dançou e gargalhou como se ouvisse música

Na quarta e quinta estrofe, aconteceu um acidente. O operário acaba tropeçando em algo na construção e acaba caindo do andar em que se encontrava. Podemos inferir isso por meio da sequência narrativa pela qual a estrofe se desenvolve. Os versos “e flutuou no ar como se fosse um pássaro / e se acabou no chão feito um pacote flácido” comprovam a queda sofrida pelo eu-lírico e a sua morte.

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
 E flutuou no ar como se fosse um pássaro
 E se acabou no chão feito um pacote flácido
 Agonizou no meio do passeio público

Morreu na contramão atrapalhando o tráfego
 Amou daquela vez como se fosse o último
 Beijou sua mulher como se fosse a única
 E cada filho seu como se fosse o príncipe

1. Qual o efeito produzido na repetição dos acontecimentos nas estrofes finais? Em sua opinião, o compositor tinha algum objetivo com isso? Qual?
2. Será que o trabalhador possuía medidas de segurança em seu local de trabalho?
3. Levante hipóteses: após o acidente do operário que culminou em sua morte, a empresa poderá ser responsabilizada judicialmente?
4. Entre os direitos do trabalhador, está o repouso semanal remunerado. Será que este operário possuía esse direito? Se não, por quê não possui ele?



MÓDULO 4 - TRABALHO



Nos versos seguintes, é repetido alguns acontecimentos das estrofes passadas, dando a entender e a refletir sobre as recorrentes situações de acidentes e mortes no ambiente de trabalho e no caso específico, em obras de construções civis. Ao trabalhar esta temática e ao comparar o trabalhador com uma máquina, Chico Buarque desumaniza este ser humano para fazer uma crítica sobre como o trabalho modifica-o e desmodifica-o.

E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico

Seus olhos embotados de cimento e tráfego
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo

Outro aspecto importante a se destacar é a forma como a canção coloca o eu-lírico como um estorvo, um obstáculo que atrapalha a rotina das pessoas que estão passando pelo possível prédio que caiu e morreu. As passagens como “morreu na contramão atrapalhando o público” e “morrendo na contramão atrapalhando o sábado” expressam a insignificância dada à vida do trabalhador na atualidade.

A seguir, encerraremos o quarto módulo, e também nossa sequência didática, com o poema “Operário em construção”, de Vinicius de Moraes. Siga as instruções apresentadas e lembre-se de adaptá-las de acordo com a realidade de sua sala de aula.

TEXTO 3 - “Operário em construção”, de Vinicius de Moraes.

E o Diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe o Diabo:
- Dar-te-ei todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue e dou-o a quem quero; portanto, se tu me adorares, tudo será teu.
E Jesus, respondendo, disse-lhe:
- Vai-te, Satanás; porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás.
Lucas, cap. V, vs. 5-8.





Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

De fato, como podia
Um operário em construção
Compreender por que um tijolo
Valia mais do que um pão?
Tijolos ele empilhava
Com pá, cimento e esquadria
Quanto ao pão, ele o comia...
Mas fosse comer tijolo!
E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui
Adiante um apartamento
Além uma igreja, à frente
Um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria
Não fosse, eventualmente
Um operário em construção.

Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
- Garrafa, prato, facão -
Era ele quem os fazia





Ele, um humilde operário,
Um operário em construção.
Olhou em torno: gamela
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquele humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo que cresce
Ele não cresceu em vão
Pois além do que sabia
- Exercer a profissão -
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu
Que a todos admirava:





O que o operário dizia
Outro operário escutava.

E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia sim
Começou a dizer não.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:

Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!
E o operário fez-se forte
Na sua resolução.

Como era de se esperar
As bocas da delação
Começaram a dizer coisas
Aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
Nenhuma preocupação
- "Convençam-no" do contrário -
Disse ele sobre o operário
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário
Ao sair da construção
Viu-se súbito cercado
Dos homens da delação
E sofreu, por destinado
Sua primeira agressão.





Teve seu rosto cuspidos
Teve seu braço quebrado
Mas quando foi perguntado
O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão
Muitas outras se seguiram
Muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível
Ao edifício em construção
Seu trabalho prosseguia
E todo o seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência
Não dobraria o operário
Um dia tentou o patrão
Dobrá-lo de modo vário.
De sorte que o foi levando
Ao alto da construção
E num momento de tempo
Mostrou-lhe toda a região
E apontando-a ao operário
Fez-lhe esta declaração:
- Dar-te-ei todo esse poder
E a sua satisfação
Porque a mim me foi entregue
E dou-o a quem bem quiser.
Dou-te tempo de lazer
Dou-te tempo de mulher.
Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adorares
E, ainda mais, se abandonares
O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário
Que olhava e que refletia
Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.
O operário via as casas
E dentro das estruturas
Via coisas, objetos
Produtos, manufaturas.





Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: Não!

- Loucura! - gritou o patrão
Não vês o que te dou eu?
- Mentira! - disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fez-se
Dentro do seu coração
Um silêncio de martírios
Um silêncio de prisão.
Um silêncio povoado
De pedidos de perdão
Um silêncio apavorado
Com o medo em solidão.

Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão.
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.



Sugestões para mediação da leitura

1. Antes de iniciar o poema, o autor coloca um versículo da bíblia, que logo descobrimos haver conexão com as personagens. Em sua opinião, porque foi realizada tal escolha?





2. Qual a alegoria presente no título do poema em relação ao que se é trabalhado nos versos? Está em sentido figurado ou literal?
3. Podemos dizer que o operário adquiriu consciência de sua importância na sociedade? Porque ela é perigosa para o seu patrão?



Algumas reflexões

Releia a estrofe a seguir e reflita juntamente com as questões

Dia seguinte, o operário
Ao sair da construção
Viu-se súbito cercado
Dos homens da delação
E sofreu, por destinado
Sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspidos
Teve seu braço quebrado
Mas quando foi perguntado
O operário disse: Não!

1. Por que o operário sofreu agressões e ameaças a mando de seu patrão?
2. Qual o momento na narrativa poética que há consciência do operário de sua identidade e o papel de sua profissão na sociedade?
3. Explique a frase “não pode me dar o que é meu”.

Considerando a leitura completa de “O operário em construção”.

Para dar abertura ao poema, Vinicius de Moraes coloca antes da obra um versículo que traz um diálogo do Diabo tentando Jesus Cristo com riquezas e poder. Logo mais, ao final do poema, veremos o motivo de tal escolha pelo escritor para fazer um paralelo entre a figura do patrão e do operário com o diabo e Jesus, respectivamente.

Na primeira estrofe é apresentado ao leitor a figura central do poema, o operário. Este “que erguia casas / onde antes só havia chão” traz um aspecto de criador, sendo responsável pelo preenchimento de espaços vazios. Entretanto, esta mesma figura não sabia da sua importância, ou seja, estava alienada perante o seu papel na sociedade e, consequentemente, de seu impacto sem ela.

Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas



MÓDULO 4 - TRABALHO



Ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

1. Todo trabalhador tem consciência da importância de sua profissão?
2. Por que adquirir consciência de classe é difícil para os trabalhadores da atualidade?

Na terceira estrofe, algo acontece com o operário, pois é tomado por um pensamento enquanto estava fazendo sua refeição, que tudo que estava na mesa foi produzido por ele, um simples operário. Tomado por tal ideia, logo constata, gradativamente, que não só a comida é produzida por ele, assim como a estrutura de sua casa, a cidade, o país, tudo advém de seu trabalho e mão de obra.

Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
- Garrafa, prato, facão -
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção.
Olhou em torno: gamela
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.



MÓDULO 4 - TRABALHO



A partir da sexta estrofe, é perceptível a mudança no comportamento do operário por meio da constatação de seu papel social. Possuindo a dimensão da poesia, o personagem agora começa a espalhar sobre sua descoberta com os demais colegas de trabalho, fazendo-os pensar. Assim, o perfil do antigo trabalhador que só dizia “sim”, agora passou a dizer “não”. Tal mudança fez com que fossem percebidas certos aspectos que antes pareciam naturais, como que a sua pobreza é feita pela riqueza de seu patrão, dando exemplos de comida, bebida, roupa e moradia, podendo constatar na estrofe a seguir.

Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão

Nas estrofes seguintes, o operário inicia sua revolução ao dizer “não” e com isso, começam a falar comentários sobre suas atitudes ao patrão, que logo pede para convencerem do contrário. Mas o trabalhador, convicto agora de sua nova posição, continua a dizer “não” e é agredido.

Como era de se esperar
As bocas da delação
Começaram a dizer coisas
Aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
Nenhuma preocupação
- "Convençam-no" do contrário -
Disse ele sobre o operário
E ao dizer isso sorria.
Dia seguinte, o operário
Ao sair da construção
Viu-se súbito cercado
Dos homens da delação
E sofreu, por destinado
Sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspidado
Teve seu braço quebrado
Mas quando foi perguntado
O operário disse: Não!



MÓDULO 4 - TRABALHO



1. Por que o patrão quis que convencessem o operário do contrário? Qual o perigo de adquirir consciência de seu papel na sociedade?
2. Os operários, trabalhadores de hoje em dia, possuem tal consciência? O que dificulta de tê-la?

Percebendo que o operário não cedia, e que continuava sua revolução e desobediência, o patrão agora quis convencê-lo de uma maneira diferente, oferecendo-lhe lazer, tempo para sua mulher, dinheiro e poder. Com isso, neste trecho da décima catorze estrofe, a escolha da passagem bíblica na qual Jesus é tentado pela figura do Diabo é explicada, o patrão teme o conhecimento adquirido pelo operário, e prometendo lhe dar um dos elementos mais caros para o sistema capitalista vigente: o tempo.

Sentindo que a violência
 Não dobraria o operário
 Um dia tentou o patrão
 Dobrá-lo de modo vário.
 De sorte que o foi levando
 Ao alto da construção
 E num momento de tempo
 Mostrou-lhe toda a região
 E apontando-a ao operário
 Fez-lhe esta declaração:
 - Dar-te-ei todo esse poder
 E a sua satisfação
 Porque a mim me foi entregue
 E dou-o a quem bem quiser.
 Dou-te tempo de lazer
 Dou-te tempo de mulher.
 Portanto, tudo o que vês
 Será teu se me adorares
 E, ainda mais, se abandonares
 O que te faz dizer não.

Analisando a proposta do patrão, o operário refletia que ele nunca veria o que ele, trabalhador, enxergava. Tudo o que fora oferecido, tudo o que podia ser visto pelo monte - as casas, suas estruturas, seus objetos, produtos e manufaturas - tudo tinha a marca de sua mão, tudo fora criado por ele, o operário. Constatando isso, continuou a dizer “não”, pois o patrão não poderia dar algo que não era dele.

Disse, e fitou o operário
 Que olhava e que refletia
 Mas o que via o operário
 O patrão nunca veria.



MÓDULO 4 - TRABALHO



O operário via as casas
E dentro das estruturas
Via coisas, objetos
Produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: Não!

- Loucura! - gritou o patrão
Não vês o que te dou eu?
- Mentira! - disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.

E é com a continuação desse posicionamento, que o operário sente em seu coração um compilado de silêncios que o traz medo e o fazem refletir sobre outros irmãos que o antecederam e morreram para outros viverem. Mas é por meio desses sentimentos que outro surge, o da esperança, razão pela qual percebe que não é mais um operário construído, idealizado pelo patrão e pelo sistema capitalista, mas sim um operário em construção, pensante e em constante mudança pela luta de seus direitos e entendimento de seu lugar na sociedade como um todo.

E um grande silêncio fez-se
Dentro do seu coração
Um silêncio de martírios
Um silêncio de prisão.
Um silêncio povoado
De pedidos de perdão
Um silêncio apavorado
Com o medo da solidão.
Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão.
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.



MÓDULO 4 - TRABALHO

**MÁXIMO GORKI (1868 - 1936)**

Maksim Gorki, pseudônimo de Aleksei Maksimovich Peshkov, foi um escritor, romancista, dramaturgo, contista e ativista político russo. Gorki foi escritor de escola naturalista que formou uma espécie de ponte entre as gerações de Anton Tchekhov e Liev Tolstói, e a nova geração de escritores soviéticos.

**CHICO BUARQUE (1944 -)**

Francisco Buarque de Hollanda, mais conhecido como Chico Buarque, é um cantor, compositor, dramaturgo, escritor e ator brasileiro. É conhecido por ser um dos maiores nomes da música popular brasileira.

**VINICIUS DE MORAES (1913 - 1980)**

Marcus Vinicius da Cruz de Mello Moraes, mais conhecido como Vinicius de Moraes, foi um poeta, dramaturgo, jornalista, diplomata, cantor e compositor brasileiro. Poeta essencialmente lírico, o que lhe renderia o apelido "Poetinha", que lhe teria atribuído Tom Jobim, notabilizou-se pelos seus sonetos.





Referências bibliográficas

ANDRADE, M, A, S. Diálogos entre a abordagem de Questões Sociocientíficas sob o enfoque Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente e a pedagogia freireana no contexto da formação de professores/as de Ciências para os Anos Iniciais. 2020. 382p. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, UFBA/UEFS, 2020.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011. p. 171 - 193.

COELHO, Nelly Novaes. Cecília Meireles: vida e obra. Revista do Centro de Estudos Portugueses, v. 21, n. 28-29, p. 11-17, 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/7870/683>>.

MEIRELES, Cecília. O Estudante Empírico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. 128 p.

GRAMSCI, A. Quaderni del carcere. Edizione critica. Organiza  o Gerratana. Turim: Einaudi, 1977. v. 4.

MARX, K. Manuscritos economía y filosofía. Madrid: Alianza Editorial, 1985

RAMANZINI, Isis Cristina. Paratopia criadora: Cecília Meireles, uma escritora atuante no cenário educacional. Revista l@ el em curso. ISSN 2175-4640, v. 6, n. 2, p. 72-83, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revlael/>>

SÁBER, Rogério Lobo. Cecília Meireles: uma travessia poética. Revista Memento, v. 2, n. 2, p. 133-151, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/153>>.

PEREIRA, Jaquel  nia Aristides; COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da. Leitura e análise semiótica do poema/can  o "Eu-Mulher": a poesia em canto e dança. Anuário de Literatura, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 33-51, 2019.



